

**ENSINO DE SOCIOLOGIA NO NÍVEL MÉDIO:  
Estudo exploratório baseado em concepções de  
professores e estudantes da Grande Florianópolis**

**Ana Carolina Bordini Brabo Caridá<sup>1</sup>**

**RESUMO:** O trabalho busca analisar em que medida a disciplina de Sociologia cumpre suas potencialidades educativas nas Escolas Públicas de Florianópolis, Palhoça e Antonio Carlos, todas em Santa Catarina, no período que compreende os anos de 2006 a 2009. Foram coletados dados primários (entrevistas, questionários e observação direta) referentes às concepções de professores e estudantes sobre a disciplina. Intento levantar o que pensam os primeiros com relação às particularidades, os desafios e as funções com as quais a sociologia se depara no âmbito escolar, para enfim contrapor tais concepções com o entendimento dos estudantes em contato com esta ciência. A proposta de estudos consiste em desenvolver reflexões que permitam pensar as contribuições e obstáculos da disciplina nas salas de aula atualmente.

**Palavras-chave:** Ensino de Sociologia; Ensino Médio; Escola Pública.

**ABSTRACT:** The aim is to evaluate the measure in which the subject “Sociology”, as taught in Public High Schools in three cities in the State of Santa Catarina, Brazil, fulfills its intended educative possibilities. Primary data were collected from interviews, questionnaires and direct observation, covering a period from year 2006 to 2009, and referred to how teachers and students view the teaching of Sociology in High School. The idea was, first, to perceive how teachers consider the peculiarities, the challenges and the aims of teaching Sociology in High School, and then compare such views with those which prevail among students which had the subject included in their curricular grid. It is expected that reflections arising from this confrontation may provide a better understanding of present classroom difficulties, and may lead to new developments towards a more fruitful interchange between teachers and students.

**Keywords:** Sociology Teaching, High School Teaching, Public Schools

---

<sup>1</sup> Monografia realizada para a obtenção do título de Bacharel em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) sob orientação da Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Nise Jinkings no segundo semestre de 2009.

## 1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem o intuito de refletir sobre a finalidade do ensino de sociologia nas escolas de nível médio. O campo de pesquisa analisado compreende os municípios de Florianópolis, Palhoça e Antonio Carlos, todos no Estado de Santa Catarina. Mais especificamente, os objetivos do trabalho estão em verificar como os professores de sociologia da rede pública entendem o ensino da disciplina e seu objetivo na escola; identificar o que pensam os alunos sobre as finalidades da disciplina de sociologia na educação escolar; contrapor o entendimento dos professores sobre a disciplina com a compreensão dos estudantes acerca das ciências sociais na escola, para enfim analisar em que medida as aulas de sociologia realizam as funções do ensino de ciências sociais na escola média.

A questão metodológica que Florestan Fernandes (1976) aponta para esta problemática está em analisar o contexto amplo em que se situa o objeto de estudo. Ele defendia o ensino da disciplina nas escolas com vista no preparo dos jovens, através da ciência, para ir de encontro a um mundo em constante mudança, de relações extremamente complexas e intrincadas que, para serem compreendidas, necessitam de capacidade crítica e consciência histórico-sociológica. Neste caso analisar o ensino de sociologia implica em uma análise inicial das complexas relações histórico-sociais contemporâneas existentes para se atingir o objetivo específico de análise.

O último parecer do Governo Federal com relação à disciplina de sociologia ocorreu no dia 02 de junho de 2008, quando o presidente em exercício José Alencar sancionou a lei que tornou obrigatório o ensino das disciplinas de sociologia e filosofia nas escolas de ensino médio, públicas e privadas. Esta lei levou o Congresso Nacional a alterar o disposto no artigo 36 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), Lei n.º. 9394 de 1996, a qual em seu parágrafo 1º, inciso III afirmava que o ensino de sociologia e filosofia eram necessários ao exercício da cidadania, sem todavia explicitar sua obrigatoriedade como disciplina escolar.

No Estado de Santa Catarina a disciplina de sociologia é obrigatória há onze anos (LC173/98). Até o ano de 2008 foi ministrada com a carga horária de duas horas/aula por semana em duas das séries do ensino médio. Atualmente ela está presente nas três séries do ensino médio, seguindo a mesma carga horária nas 1as. e 2as. séries e adotando uma carga horária de apenas 1 hora/aula semanal nas 3as. séries.

A pesquisa está centrada na análise de dados primários coletados no período de 2006 a 2009. Para realizar este estudo me baseei em oito entrevistas (gravadas e

transcritas) concedidas por professores de sociologia da rede pública, Estadual e Federal, todos formados em Ciências Sociais. Cabe mencionar a forma com que entrei em contato com estes docentes do ensino médio.

Em outubro de 2008, durante a SEPEX, foi realizado o “*I Seminário de Licenciatura em Ciências Sociais: Experiências no ensino médio*”, organizado pelo coordenador de estágio do curso de Ciências Sociais – UFSC, e por mais alguns estudantes deste curso de graduação da mesma Universidade<sup>2</sup>. Ficou a mim conferida a tarefa de contatar os professores formados na área que estivessem atuando no mercado de trabalho. Com a ajuda do Laboratório de Ensino Interdisciplinar em Filosofia e Sociologia (LEFIS – parceria UFSC e SED/SC) pude ter acesso a uma lista de e-mail destes profissionais.

Foram três professores da rede pública que participaram das discussões neste evento, e todos aceitaram meu convite novamente e participaram desta pesquisa. Outros são colegas das oficinas permanentes de Ensino de Sociologia, promovidas pelo mesmo laboratório citado anteriormente, os quais me indicaram os demais entrevistados.

As entrevistas foram semidirigidas<sup>3</sup> e questionavam os entrevistados sobre seu ano de formação; há quanto tempo estão em sala de aula; o que pensam a respeito do ensino de sociologia na escola; quais são os temas e questões que trabalham em sala de aula; como pensam o plano de ensino; quais são seus objetivos ao ensinar sociologia; quais materiais e recursos didáticos costumam utilizar; quais são os maiores desafios ao ensinar sociologia; qual a opinião sobre a obrigatoriedade de seu ensino a nível nacional; e, por fim se já participaram de discussões, oficinas ou minicursos no LEFIS.

Também foram analisados questionários, respondidos pelos estudantes da rede pública, aplicados pelos estagiários do curso de Licenciatura em Ciências Sociais da UFSC, cujos estágios foram realizados entre os anos de 2006 a 2008. Os questionários constam dos relatórios de pesquisa e de estágio supervisionado elaborados para a disciplina de Prática de Ensino em Sociologia<sup>4</sup>. Estes questionários têm duas seções: a primeira seria um levantamento sócio-econômico do perfil dos estudantes (dados estes que analisarei brevemente, pois a pesquisa não está centrada em análise quantitativa) e

---

<sup>2</sup> A idéia do seminário foi aproximar os estudantes da graduação dos professores já egressos no mercado de trabalho.

<sup>3</sup> A entrevista semidirigida se dá através de uma conversa. Ela não pode ser considerada totalmente aberta e nem encaminhada por uma grande quantidade de perguntas. O entrevistado expõe sua experiência e o entrevistador dirige o discurso visando seus objetivos (QUIVY *et. al*; 1992).

<sup>4</sup> Cabe enfatizar aqui que todos os estudantes do curso de Licenciatura em Ciências Sociais da UFSC ao cursarem a disciplina de Prática de Ensino em Sociologia, realizam seus estágios em turmas do ensino médio com professores formados em Ciências Sociais. Conseqüentemente todos os alunos que responderam os questionários estudam sociologia com professores formados na área.

segunda, que se refere ao ensino de sociologia propriamente. As perguntas foram elaboradas coletivamente por professora e licenciandos; são elas: 1) Você acha que os estudos e as discussões feitas nas aulas de sociologia podem ajudar a compreender melhor os acontecimentos do seu dia-a-dia? De que forma e por quê? 2) O que você pensa sobre a disciplina de sociologia? 3) Qual sua expectativa com relação à disciplina de sociologia? 4) Quais os conteúdos que você considerou mais relevantes na disciplina de sociologia neste ano letivo?

Por fim, a observação direta<sup>5</sup> como fonte de pesquisa também me foi útil, uma vez que tenho freqüentado algumas instituições público-estaduais de ensino desde o primeiro semestre de 2008. Minha inserção neste campo se deu durante a disciplina de Metodologia do Ensino das Ciências Sociais<sup>6</sup>, onde pude observar pela primeira vez as aulas de sociologia em uma escola estadual. Posteriormente, como estagiária, observei as aulas no Instituto Estadual de Educação (Centro, Florianópolis)<sup>7</sup>.

Neste ano comecei a atuar como professora na E.E.B. Dom Jaime de Barros Câmara (Ribeirão da Ilha, Florianópolis) admitida através de contrato temporário. Tenho uma relação bastante intrincada com o tema. Meu interesse se desenvolveu ao longo do curso de graduação. Considero que a sociologia abarca um campo de visão bastante amplo com relação aos fenômenos, conflitos e contradições sociais, os quais nos confrontamos diariamente. Através da absorção destes conhecimentos pude entender melhor o mundo do qual faço parte e reconhecer a importância de sua

---

<sup>5</sup> Entende-se por observação direta adotar um método de investigação capaz de captar os comportamentos quando se produzem em si mesmos, sem a presença de mediações, como entrevistas e questionários. No caso das últimas os acontecimentos e os fenômenos estudados são “reconstituídos a partir da declaração dos atores ou dos vestígios deixados por aqueles que os testemunharam direta ou indiretamente”. (QUIVY *et. al*; 1992, p. 197)

<sup>6</sup> Cursei esta disciplina no primeiro semestre de 2008. Ela tem como objetivo central a análise dos fundamentos metodológicos do ensino de ciências sociais nas escolas, partindo do conhecimento de realidades escolares distintas. A turma é dividida em grupos e desenvolve atividades de pesquisa em escolas da rede estadual de ensino, na Grande Florianópolis. Meu grupo foi formado por três integrantes, os quais observaram as aulas na E.E.B. Presidente Castelo Branco (Armação do Pântano do Sul, Florianópolis), por um período de um mês. O trabalho consistiu em fazer um levantamento inicial sobre as condições sócio-econômicas dos alunos desta instituição, bem como o que pensam sobre a disciplina de sociologia; a relação que a escola mantém com seu entorno e tentar entender como se dá o funcionamento burocrático de uma escola estadual. Os dados obtidos através de questionários e entrevistas realizados na atividade não constam da presente análise, pois o recorte metodológico desta pesquisa restringe-se aos questionários aplicados pelos estagiários e às entrevistas por mim realizadas. A disciplina de Metodologia do Ensino das Ciências Sociais busca preparar o aluno para cursar a disciplina em que irá realizar o estágio (Prática de Ensino em Sociologia).

<sup>7</sup> A disciplina de Prática do Ensino em Sociologia, do currículo em extinção – desde 2007 entrou em vigor um novo currículo para o curso -, consiste em observar por um mês as aulas ministradas pelo professor responsável da disciplina, para posteriormente lecionar. O estágio é realizado em duplas, totalizando oito horas/aula. Cada estagiário fica responsável por metade desta carga horária. São aplicados questionários aos alunos e estes constam da análise desta pesquisa.

transmissão/mediação aos jovens, os quais comumente são responsabilizados pela construção do futuro.

Foram entrevistados professores que lecionam nas cidades de Florianópolis, Palhoça e Antônio Carlos. Na cidade de Florianópolis atuam nos seguintes estabelecimentos de ensino: IF-SC (Instituto Federal Tecnológico – antigo CEFET, Centro), Colégio de Aplicação (Campus UFSC), Instituto Estadual de Educação (Centro), E.E.B. Jurema Cavallazzi (José Mendes), E.E.B. Castelo Branco (Armação do Pântano de Sul. Em Palhoça foram entrevistados três professores que ministram aulas na E.E.B. Ivo Silveira (Centro) e no município de Antonio Carlos foi realizada apenas uma entrevista, com a única professora de sociologia do município, vinculada à E.E.B. Altamiro Guimarães, localizada no Centro da cidade.

Os questionários foram todos aplicados em escolas do município de Florianópolis/SC, são elas: Colégio de Aplicação (Campus UFSC), Instituto Estadual de Educação (Centro), E.E.B. Henrique Stodieck (Centro), E.E.B. Jurema Cavallazzi (José Mandes), E.E.B. Simão Hess (Trindade), e E.E.B. Getulio Vargas (Saco dos Limões).

Na tabela abaixo é possível visualizar as instituições onde trabalham os professores entrevistados, bem como as escolas onde foram realizados os estágios de docência<sup>8</sup> e, por conseguinte, aplicados os questionários. Pode-se perceber que a maioria do campo se concentra basicamente no município de Florianópolis, sendo apenas duas as escolas que fogem de sua alçada.

**TABELA 1: Cidades e escolas analisadas**

FLORIANÓPOLIS		PALHOÇA	ANTONIO CARLOS
FEDERAIS	ESTADUAIS	ESTADUAL	ESTADUAL
1) IF-SC (antigo CEFET) 2) COLÉGIO DE APLICAÇÃO (UFSC)	1) INSTITUTO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO 2) E.E.B. HENRIQUE STODIECK 3) E.E.B. JUREMA CAVALLAZZI 4) E.E.B. SIMÃO HESS 5) E.E.B. GETÚLIO VARGAS 6) E.E.B. CASTELO BRANCO	1) E.E.B. GOVERNADOR IVO SILVEIRA	1) E.E.B. ALTAMIRO GUIMARÃES

<sup>8</sup> O estágio realizado na disciplina de Prática de Ensino em Sociologia (UFSC) parte de uma concepção formativa que pensa as atividades teóricas e práticas como indissociáveis e considera o estágio como atividade que permite ao licenciando conhecer a realidade escolar. Parte-se, pois do pressuposto de que a teoria sempre corresponde a necessidades práticas do homem e, por seu lado, a atividade prática humana sempre se fundamenta nos conhecimentos teóricos construídos historicamente. Nessa perspectiva, o estágio pensado como atividade teórica e como pesquisa abarca a reflexão sobre a realidade escolar como um todo, tendo seu fundamento na reflexão e no questionamento deste contexto (Pimenta & Lima, 2004). Portanto, os estagiários da Licenciatura em Ciências Sociais realizam uma pesquisa preliminar sobre a turma de estudantes na qual irão ministrar aulas, aplicando um questionário sócio-econômico em conjunto com algumas questões pertinentes ao ensino da sociologia propriamente dito.

É importante ressaltar que dois dos professores entrevistados lecionam em duas escolas. O restante deles atua apenas em uma instituição. Segue tabela ilustrativa.

**TABELA 2: Relação de escolas onde os professores entrevistados ministram aulas**

1) Professor A	IF-SC (antigo CEFET)
2) Professor B	E.E.B. GOVERNADOR IVO SILVEIRA
3) Professor C	E.E.B. GOVERNADOR IVO SILVEIRA
4) Professor D	E.E.B. GOVERNADOR IVO SILVEIRA
	E.E.B. CASTELO BRANCO
5) Professor E	INSTITUTO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO (IEE)
6) Professor F	INSTITUTO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO (IEE)
7) Professor G	COLÉGIO DE APLICAÇÃO (UFSC)
	E.E.B. ALTAMIRO GUIMARÃES
8) Professor H	E.E.B. JUREMA CAVALLAZZI

A tabela a seguir esclarece as modalidades dos dados primários coletados em cada instituição de ensino.

**TABELA 3: Modalidade do dado obtido em cada instituição**

FLORIANÓPOLIS			PALHOÇA	ANTONIO CARLOS
ENTREVISTA	QUESTIONÁRIO	OBSERVAÇÃO DIRETA	ENTREVISTA	ENTREVISTA
COLÉGIO DE APLICAÇÃO (UFSC)	COLÉGIO DE APLICAÇÃO (UFSC)	_____	E.E.B. "GOVERNADOR IVO SILVEIRA"	E.E.B. "ALTAMIRO GUIMARÃES"
INSTITUTO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO	INSTITUTO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO	INSTITUTO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO		
_____	E.E.B. "HENRIQUE STODIECK"	_____		
E.E.B. "JUREMA CAVALLAZZI"	E.E.B. "JUREMA CAVALLAZZI"	_____		
_____	E.E.B. "SIMÃO HESS"	_____		
_____	E.E.B. "GETÚLIO VARGAS"	_____		
E.E.B. "CASTELO BRANCO"	_____	E.E.B. "CASTELO BRANCO"		

O contexto nacional da atualidade é de obrigatoriedade da disciplina para as três séries do ensino médio e através deste levantamento pretendo contribuir no acúmulo de dados e reflexões sobre o ensino de sociologia nos três municípios citados

anteriormente. Dentro deste contexto histórico da regulamentação da disciplina no país, faz-se necessário uma análise da qualidade deste ensino.

Em sua obra *O 18 Brumário de Luís Bonaparte*, o filósofo alemão Karl Marx assinala que "os homens fazem sua história, mas não a fazem como querem; não a fazem sob circunstâncias de sua escolha e sim sob aquelas com que se defrontam diretamente, ligadas e transmitidas pelo passado" (MARX, s/d, p. 203). Quando afirma isso, Marx nos mostra um duplo momento, indicando que, de um lado, é pela práxis humana que a sociedade se transforma; e, de outro, que essa ação humana é mediada historicamente pela própria criação dos homens.

Neste sentido, é possível pensar que a sociologia pode contribuir – como teoria – para a transformação social, que, no entanto, depende das lutas sociais mais amplas e da ação cotidiana de cada um de nós. Essa transformação, que resulta da ação humana, é influenciada por forças objetivas que atuam na vida social e que tem a ver com as criações históricas dos homens. No caso do trabalho docente com a sociologia, o professor enfrenta difíceis condições objetivas que implicam desafios e às vezes impasses para o desenvolvimento das potencialidades educativas das ciências sociais<sup>9</sup>. Entretanto, essas circunstâncias podem ser modificadas, seja pela ação coletiva dos professores organizados, seja pelo trabalho diário nas salas de aula, voltados para mudanças qualitativas da educação escolar. Assim, acredito que uma das finalidades da sociologia como disciplina na escola é capacitar os jovens para atuarem em seus próprios meios sociais. A idéia é trazer para a sala de aula algumas possibilidades de mudança na forma de pensar suas próprias práticas sociais para uma possível transformação social a médio ou longo prazo.

São algumas as questões que norteiam este trabalho de pesquisa. São elas: 1) Qual é o espaço destinado ao ensino da sociologia no nível médio neste contexto histórico? 2) Qual é a importância do contato dos estudantes com esta ciência? 3) A sociologia cumpre suas potencialidades educativas na escola? 4) O que pensam os alunos e professores da disciplina sobre suas funções educativas? 5) Como tem sido transmitido o conhecimento sociológico em sala de aula?

A pesquisa buscou responder a essas questões e desvelar se o ensino de sociologia nas escolas públicas de Florianópolis, Palhoça e Antonio Carlos têm desenvolvido as potencialidades educativas da disciplina ou não.

---

<sup>9</sup> No capítulo a seguir tratarei de esclarecer o que a bibliografia referente ao assunto entende com relação às potencialidades educativas da disciplina.

Para tal, no primeiro capítulo farei algumas considerações sobre as intermitências da disciplina nos currículos das escolas secundárias brasileiras. O esboço compreende a primeira tentativa de inserção da disciplina nos currículos da escola média no Brasil (1891), até sua obrigatoriedade, promulgada em 2008. Irei expor algumas considerações ao veto de Fernando Henrique Cardoso (2001), presidente em exercício na época, a fim de demonstrar os argumentos contrários à promulgação da Lei. Abordarei a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei n.º. 9394 de 1996) e a mudança em seu inciso III, que atualmente declara a obrigatoriedade das disciplinas de Sociologia e Filosofia no currículo do ensino médio. Cabe lembrar que a disciplina é obrigatória no Estado de Santa Catarina há 11 anos (LC173/98), o que faz com que o Estado seja um dos pioneiros nesta modalidade de ensino.

Ainda neste primeiro momento farei algumas considerações sobre os teóricos que irão respaldar a argumentação do trabalho. A teoria de Florestan Fernandes (1976, 1978) irá embasar a argumentação com relação às “funções” que a sociologia deve desempenhar na escola. Wright Mills (1972), com o conceito de *Imaginação Sociológica* também cabe à análise como teórico central. Octavio Ianni (1997) no que se refere ao contexto de mundialização do capital e as contribuições que as ciências sociais têm a desempenhar neste contexto. Outros autores contemporâneos serão citados no decorrer do trabalho, são eles: Amaury César Moraes (2004; 2006; 2007), Ileizi Silva (2001; 2005), Nise Jinkings (2004; 2007) e Flávio Sarandy (2004). Um breve levantamento hemerográfico dos jornais de grande circulação no país (“Estado de São Paulo”, “Folha de São Paulo”, período de 2006 a 2009) visou revelar o que a imprensa divulgou sobre a obrigatoriedade do ensino de sociologia a nível nacional.

No segundo capítulo farei algumas considerações sobre as escolas pesquisadas; sobre as entrevistas concedidas pelos professores; os temas e questões trabalhados por eles em sala de aula; como vêem a atuação do LEFIS e o que pensam os alunos com relação à disciplina.

Nas conclusões finais pretendo esclarecer se a sociologia está ou não cumprindo sua finalidade, a partir dos resultados da pesquisa, demonstrando as limitações do trabalho e fazendo sugestões para seu prosseguimento.

## **2. COMO E PORQUE A SOCIOLOGIA SE TORNOU UMA DISCIPLINA OBRIGATÓRIA NO CURRÍCULO DO ENSINO MÉDIO**



Neste capítulo irei tratar do processo histórico de consolidação da obrigatoriedade da disciplina de sociologia em nível nacional para as três séries do ensino médio. Abordando desde o surgimento da primeira cadeira de Sociologia em uma Universidade. Procuo dissertar brevemente sobre a trajetória de consolidação desta ciência no campo escolar brasileiro.

Trata-se de um curso com diversos percalços, nos quais se vê refletida a história política e ideológica do país, com momentos de defesa da disciplina na grade curricular, dentro de um projeto maior de laicização do ensino e também, momentos em que foi subtraída por tratar-se de disciplina “subversiva”, chegando à última década, quando foi vetada pelo então Presidente da República para, oito anos depois, ser enfim aprovada como disciplina obrigatória no Ensino Médio.

Intento nesta apresentação trazer algumas concepções envolvidas neste processo, assim como o posicionamento do governo e entidades representativas da educação, como Ministério da Educação (MEC) e o Conselho Nacional de Educação (CNE), além da abordagem de documentos, Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB, 1996), Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's, 1998) e Orientações Curriculares Nacionais (OCN's, 2006).

Em seguida, na segunda parte deste primeiro capítulo, discorro sobre a teoria utilizada para a análise dos dados primários coletados. Parto da abordagem histórica de Florestan Fernandes no 1º Congresso Brasileiro de Sociologia, em 1954, quando o autor já demonstra a importância deste conhecimento para que os jovens possam atuar em seus próprios meios, entendendo o mundo social do qual fazem parte e sentindo-se como sujeitos históricos deste processo. A disciplina também pode oferecer uma capacidade crítica com relação à política, à economia, às relações de gênero, diversidade étnica e social, dentre outros fenômenos da vida social, fazendo com que o aluno a compreenda em sua totalidade. Encerro o capítulo tratando dos temas e questões pertinentes a serem trabalhados pela sociologia em sala de aula.

## **2.1. Trajetória de consolidação da disciplina de Sociologia no currículo da escola média no Brasil**

Há mais de um século existe a tentativa de institucionalização da disciplina de sociologia no campo escolar. Dividi esta discussão em duas partes a fim de tratar de sua trajetória e dos momentos históricos em que tais iniciativas estiveram envolvidas. Primeiramente irei tratar do período que compreende a chegada das idéias de cunho sociológico no Brasil até o fim do regime militar. Num segundo momento irei relatar a

importância da abertura democrática (1985), a qual possibilitou o avanço das discussões relativas à organização estrutural da educação no país.

A consolidação da constituição democrática (1988) deu início a uma nova reforma educacional do governo, na qual estavam presentes grandes nomes das Ciências Sociais no Brasil, como Darcy Ribeiro e Florestan Fernandes (o qual contribuiu às discussões relativas ao campo da educação até 1995, ano anterior à promulgação da nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional).

Por fim, tentarei aproximar-me das discussões relativas ao veto do ex-presidente da República Fernando Henrique Cardoso, para assim atingir as discussões acerca da obrigatoriedade da sociologia em nível nacional e citar algumas considerações do documento oficial intitulado Orientações Curriculares para o Ensino Médio (2006), o qual sugere alguns caminhos a serem seguidos para uma ‘boa’ aula de sociologia.

### ***2.1.1. Da Independência ao fim do regime militar***

A Sociologia surge como disciplina pela primeira vez em 1887 na Universidade de Bourdeaux, na França. O primeiro sociólogo a ocupar esta cadeira foi Émile Durkheim, o qual permaneceu no cargo até sua morte em 1917<sup>10</sup>. Renato Ortiz (1989) coloca que, para Durkheim, “arquiteto e herói fundador”, a sociologia para se consolidar como ciência precisa ser aplicada no campo da educação, para consequentemente atingir sua autonomia epistemológica.

No território nacional, mais especificamente, as idéias de cunho positivista trazidas pelos intelectuais vindos da França, chegam por volta de 1850. A primeira tentativa de inserção da sociologia no currículo nacional foi em 1882, quando Ruy Barbosa realiza um projeto de lei, a fim de incluí-la nas escolas e nos cursos de Direito. Em 1890 Benjamin Constant, como ministro de Floriano Peixoto, apresenta uma reforma visando que a sociologia se torne obrigatória no nível médio (CARVALHO, 2004; JINKINGS, 2007).

Segundo Jinkings (2007) naquele momento a idéia que se tinha da sociologia era de técnica social. A disciplina tinha o intuito de controlar e ordenar o mundo social partindo das leis e regras colocadas pelo positivismo. O contexto era o de contrapor as idéias divinas modernizando-se através da ciência. Após a morte de Benjamin Constant o projeto foi modificado e a sociologia não se tornou obrigatória nas escolas.

Sua obrigatoriedade se efetiva no Brasil somente na década de 1920 (por uma iniciativa de Fernando de Azevedo) quando ela aparece como disciplina no Colégio

---

<sup>10</sup> “Durkheim”, Coleção os Pensadores, São Paulo: Editora Abril, 1983. p. VII.

Pedro II<sup>11</sup> e nas Escolas Normais (magistério) do Distrito Federal-RJ e de Recife, como Sociologia da Educação (CARVALHO, 2004).

Em 1925, com a Reforma Rocha Vaz ela entra como disciplina obrigatória nos cursos secundários. Nesta mesma década alguns educadores liberais realizam reflexões no campo pedagógico e discutem as idéias do que ficou conhecido como Escola Nova, a qual tinha o intuito de substituir o ensino religioso por um ensino científico, laico, público e gratuito (JINKINGS, 2007).

Na década de 1930, no governo de Getúlio Vargas, a disciplina se fortalece devido a uma ampliação do nível secundário. No ano seguinte ocorre a Reforma Francisco Campos e a sociologia é incorporada nos cursos complementares que antecediam em dois anos o ensino superior.

As Universidades do Rio de Janeiro e de São Paulo, bem como a Escola Livre de Sociologia e Política são fundadas em 1933, e em seguida (1934) é fundada a Escola de Ciências Sociais da USP. Este momento é marcado por responder as necessidades da elite brasileira para a ocupação de cargos administrativos importantes (CARVALHO, 2004; JINKINGS, 2007).

Em 1942, durante o Estado Novo, a reforma educacional dirigida pelo ministro da Educação Gustavo Capanema retira a obrigatoriedade da sociologia nos cursos de ensino secundário. Esta reforma, de cunho conservador, instituiu o curso ginásial de quatro anos e mais três anos que o aluno decidia em fazer como clássico (ciências humanas e letras) ou científico (biologia e matemática). Esta reforma procurou organizar a educação a nível nacional (JINKINGS; 2004).

Com o fim do Estado Novo (1945), o presidente Dutra é eleito, e o governo segue sendo autoritário. Em 1946 a Sociologia da Educação volta a vigorar nos currículos das escolas normais e somente na década de 1960 é instituída a primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 4024/61), onde não se efetiva a obrigatoriedade da sociologia. As disciplinas neste momento foram divididas em obrigatórias, em obrigatórias complementares, e em optativas, onde se encaixava a disciplina de sociologia (id., *ibid.*).

---

<sup>11</sup> O Colégio Pedro II é uma tradicional instituição de ensino público, localizada no Estado do Rio de Janeiro. Fundado na época do período regencial brasileiro, integrava um projeto civilizatório mais amplo do império. No plano da educação pretendia-se a formação de uma elite nacional. Deste modo, a instituição propunha-se formar quadros políticos e intelectuais para os postos da alta administração, principalmente pública. Atualmente é uma instituição de ensino federal. Texto extraído de: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Col%C3%A9gio\\_Pedro\\_II#Per.C3.ADodo\\_Republicano](http://pt.wikipedia.org/wiki/Col%C3%A9gio_Pedro_II#Per.C3.ADodo_Republicano)

Em 1964 se dá o Golpe Militar e em 1971, sob o governo do Presidente Médici a reforma educacional divide o ensino em 1º. e 2º. Graus. Esta reforma visava responder às necessidades do “milagre econômico”, momento de entrada dos capitais estrangeiros no país. O intuito neste momento era o de formar uma força de trabalho barata para responder a estas necessidades. É daí que surgem os cursos técnicos profissionalizantes e os cursos de licenciaturas curtas (id., ibid.). No período da ditadura militar a disciplina de sociologia, optativa, se distancia dos currículos das escolas secundárias e professores secundários e universitários são presos, em especial após o Ato Institucional – 5, em 1969 (CARVALHO; 2004).

A sociologia desaparece das escolas secundárias, ao mesmo tempo em que pleiteavam um abaixo-assinado a ser enviado para a Câmara dos Deputados, o qual defendia a exclusão não somente da ciência da sociedade a nível escolar, mas também a nível superior. Em artigo de Amaury César Moraes (2004, p. 111) podemos nos aproximar deste episódio:

Nada disso, porém surpreende, quando relembremos uma carta do inesquecível professor Paulo Duarte, publicada pelo jornal O Estado de São Paulo em 15 de maio de 1964, no calor dos acontecimentos lamentáveis que atingiram a USP na seqüência do golpe militar. Diz o autor a certa altura: ‘Há, entretanto, coisa muito pior: corre por aí a colher assinatura, uma representação a ser enviada à Câmara dos Deputados, pleiteando uma Lei que exclua do ‘currículum’ universitário as Ciências Sociais, por serem subversivas!!!<sup>12</sup>.

Na década de 1970 ocorre a inserção das disciplinas de Organização Social e Política do Brasil – OSPB e Educação Moral e Cívica – EMC, na tentativa de substituir Sociologia e Filosofia, respectivamente. Em 1975, sob o governo do general Geisel e diante da crise do chamado “milagre econômico”, o regime ditatorial se enfraquece, dando início a um lento processo de abertura política, impulsionado pelas lutas sociais que se reorganizavam no país (CARVALHO, 2004). Cabe lembrar que a sociologia como disciplina escolar sai do currículo no ano de 1942, retornando como obrigatória apenas em 2008, totalizando sessenta e seis anos de ruptura. Nas palavras de Nise Jinkings (2004):

Quando se analisa a trajetória de institucionalização da sociologia e sua constituição como disciplina científica e acadêmica no Brasil, é notável sua vinculação com as condições sociais, culturais e políticas vigentes. Especialmente no que diz respeito ao ensino de sociologia nos cursos de nível médio, a luta pela incorporação da disciplina como obrigatória nos currículos das escolas se dá em momentos de intensa mudança em todas as dimensões da vida social e de tentativas de construção de um processo democrático no país. Por outro lado, ela se distancia das

---

<sup>12</sup> Citado em O Livro Negro da USP – o controle ideológico na Universidade, São Paulo: Adusp, 1978. p. 14.

escolas nos períodos marcados por regimes autoritários e ditatoriais, como o Estado Novo e o regime militar pós 1964 (JINKINGS; 2004, p.11).

### ***2.1.2. Da abertura democrática à consolidação da Sociologia no currículo escolar***

Com a dissolução do regime militar e o retorno à democracia foi possível iniciar uma readequação da estrutura educacional brasileira. No ano de 1982 surgem as Secretarias Estaduais de Educação, impostas por Lei Federal, com o intuito de abolir a profissionalização compulsória, enfatizando a formação geral do ser humano e recomendando a sociologia e a filosofia como parte diversificada do currículo (id., ibid.). Sua institucionalização aguardará um processo de dezesseis anos, que se concretizará apenas em 2008.

Em 1996 é instituída a nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei n°. 9394/96). Esta lei em seu artigo 36 propõe que ao final do ensino médio todos os alunos tenham conhecimento das disciplinas de filosofia e sociologia, necessários ao exercício da cidadania.

Em 1998 é criada em Santa Catarina uma Lei Estadual (LC173/98) que torna a disciplina de sociologia obrigatória para o currículo do ensino médio. Neste mesmo ano são criados os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) que interpretam o artigo 36 da LDB definindo a não obrigatoriedade da disciplina. Este documento coloca que as disciplinas precisam ser dissolvidas e o currículo deve se basear em áreas do conhecimento. Sendo assim, a sociologia estaria incluída no interior do capítulo "Ciências Humanas e suas Tecnologias", defendendo uma proposta mais maleável, dando autonomia para a escola, fazendo-se entender que as matrizes curriculares não seriam compostas por disciplinas, mas sim divididas em três áreas do saber (Naturais, Exatas e Humanas). Este projeto nunca chegou a ser concretizado e as escolas seguem as antigas propostas disciplinares.

Em 2000 o deputado Padre Roque (PT-PR) apresenta um projeto de lei ao Congresso Nacional. De acordo com o jornal "Folha de São Paulo" (27/08/2001) o presidente em exercício, Fernando Henrique Cardoso, orientou sua bancada a votar contra a proposta. O argumento neste momento, segundo a mesma reportagem, vinha do Senador Romero Jucá (PSDB-RR). Afirmava que o MEC era contra a proposta, pois a obrigatoriedade "engessa" o currículo proposto pelo PCN de 1998. Na tabela abaixo é possível visualizar quais foram os partidos que colaboraram para o projeto seguir à sanção presidencial. Foram eles:

**TABELA 4: votação dos senadores com relação ao PLC 9/00 em 18/09/2001<sup>13</sup>**

	SIM	NÃO	Abstenções	Ausências	Número total de parlamentares no Congresso Nacional
<b>PMDB</b>	16	---	2	7	25
<b>PT</b>	7	---	---	---	7
<b>PSDB</b>	3	7	---	1	11
<b>PTB</b>	3	---	---	---	3
<b>PSB</b>	2	---	---	---	2
<b>PFL</b>	1	13	4	2	20
<b>PPS</b>	1	---	---	---	1
<b>PDT</b>	1	---	---	3	4
<b>PPB</b>	1	---	---	2	3
<b>Sem partido</b>	3	---	---	---	3
<b>Total</b>	38	20	6	15	80 (incluindo o presidente da sessão)

Nota-se que os partidos PMDB e PT foram os responsáveis pelo projeto seguir à sanção presidencial. Não cabe à análise deste trabalho o porquê que o PMDB, aliado da base governista na época, foi favorável a sua obrigatoriedade. De acordo com a notícia vinculada no dia seguinte, neste mesmo periódico, o Senador José Alencar (PMDB-MG) leu no plenário o manifesto de inúmeras entidades em favor da aprovação da lei com urgência (“Folha de São Paulo”, 27/08/2001). Porém, no dia da votação não esteve presente. Nota-se que o Partido dos Trabalhadores (PT) e seus representantes Heloísa Helena (PT-AL), Emilia Fernandes (PT-RS) e Eduardo Suplicy (PT-SP) já se posicionavam favoráveis à inclusão das disciplinas de sociologia e de filosofia.

Passado um mês é divulgado que FHC foi recomendado pelo ministro da Educação, Paulo Renato Souza, a vetar o PLC 9/00. Nas palavras do representante do MEC: “*Sei que o senhor é sociólogo e que isso parece uma contradição, mas é preciso vetar*”. O periódico menciona que, para o ministro, o retorno da disciplina seria uma “volta ao passado” (Folha de São Paulo, 19/09/2001).

Após projeto ser aprovado pelo Congresso Nacional o resultado não foi satisfatório, uma vez que o sociólogo Fernando Henrique Cardoso (PSDB) vetou a PLC 9/00, preponderando o discurso dos PCN’s e da LDB. Os argumentos que o Presidente da República em exercício se utilizou, segundo Moraes (2004), foram os de que não havia profissionais suficientes para lecionar Sociologia e Filosofia e que os conteúdos já estariam incluídos em outras disciplinas como História e Geografia, e que portanto poderiam ser trabalhados de forma transversal. Quanto à primeira argumentação do presidente, Moraes (2004) os contrapõe demonstrando sua superficialidade:

Para afirmar isso teríamos de ter números e o governo não os tem. Foi um ‘chute’. Quem trabalha com a formação de professores sabe que, tanto para a Sociologia quanto para a

<sup>13</sup> Dados retirados do Anexo XI do livro: “*Sociologia e Ensino em Debate: Experiências e Discussão de Sociologia no Ensino Médio*”. Lejeune Mato Grosso de Carvalho (Org.). Editora Unijuí. Ijuí-RS. 2004. (p. 373-374).

Filosofia, há profissionais formados nestes últimos quinze anos em número suficiente. Eles apenas tiveram que se desviar de rumo, justamente pela redução das aulas patrocinadas (...) Por outro lado, a carreira no magistério tem sido desprestigiada já antes nas instituições de ensino superior públicas em favor das atividades de pesquisa. Usando o argumento do próprio governo, podemos dizer que a realidade imporia o aumento do número e a melhoria da qualidade dos professores dessas disciplinas (2004, p. 106-107).

Já com relação à contemplação do conteúdo por outras disciplinas segue o autor dizendo que:

Há várias concepções de currículo, mas esta do governo é muito conveniente. Levaria a pensar que tanto matemática como português, passadas algumas séries iniciais, nas quais deveriam vir nomeadas, não precisariam aparecer explicitamente mais, digamos, a partir da sétima série do Ensino Fundamental, pois já estão contidas em Física, Biologia, Química, História, Geografia e, sobretudo, em Sociologia (tanto Português na elaboração de dissertações, como Matemática, na construção de tabelas estatísticas). [...]. É uma visão reducionista esta que vê um conteúdo disciplinar 'contemplado' por outra disciplina, mas muito natural à Pedagogia; isso levaria a dizer que a Sociologia pode ser reduzida à Psicologia, esta à Biologia, esta à Química e esta à Física (MORAES; 2004, p. 107-108).

Note-se que a política educacional do governo FHC esteve absolutamente subordinada aos movimentos do neoliberalismo em nível mundial. Ao analisar as influências dos princípios neoliberais na educação brasileira, Gentili (2004) afirma que este período elimina a idéia de uma educação integradora, a qual predominou nas décadas de 1970/1980 com a política do Welfare State, e dá início a política da empregabilidade, ou seja, a responsabilidade pelo emprego deixa de ser do Estado e passa a ser do indivíduo. Esta política tem três eixos fundamentais: redução dos encargos patronais, flexibilização trabalhista e formação profissional permanente. Para o autor trata-se de legitimar um novo senso-comum relacionado às questões do trabalho, da educação e do próprio indivíduo e sua subjetividade. A idéia é criar uma "nova" consciência das classes trabalhadoras com relação a sua atuação social.

Kuenzer (2004) afirma que anteriormente os modelos educacionais eram mais rígidos, pois os trabalhadores eram braços das máquinas e que atualmente o capital flexível exige que o operador saiba coordenar as máquinas, pensando num contexto mais amplo. Coloca que a educação tradicional adestrava os alunos buscando a memorização, pois este era o método útil no interior de uma fábrica, onde os trabalhos são maçantes e o operário costumava passar toda sua jornada realizando movimentos repetitivos. Uma vez que a eletromecânica foi substituída pela microeletrônica passou a ser necessário mais dispêndio de raciocínio por parte do empregado.

A autora menciona que ambas as relações, trabalhistas e educacionais, são permeadas pelas contradições do mundo do trabalho. Coloca que no interior das fábricas, bem como no interior das escolas, existem inúmeras relações que esboçam a contradição existente entre os meios de produção e a força de trabalho. Cita como

exemplo as relações de poder, a má qualificação dos profissionais e as condições materiais de operários, professores e estudantes. Relata que muitos trabalhadores estão desempregados ou trabalham informalmente, porém a idéia que se transmite a eles é de que quanto mais houver qualificação, quanto mais competências ele tiver, mais chances terá de participar do mercado.

Em sua crítica da reforma educacional do ensino médio durante o governo FHC, Kuenzer assinala sua vinculação aos princípios neoliberais e ao modo atual de acumulação de capital. Para a autora, o interesse econômico está em pauta quando se pensa um modelo educacional. Sendo assim é natural que o mesmo processo que vem ocorrendo em âmbito econômico se configure em âmbito educacional (KUENZER; 2004).

Após dois mandatos, o presidente FHC desocupa o cargo Executivo e Luís Inácio Lula da Silva (PT) toma posse do Governo da República Federativa do Brasil no ano de 2003. Três anos mais tarde o Ministério da Educação (MEC), representado pelo ministro Fernando Haddad, em conjunto com o Conselho Nacional de Educação (CNE) retoma a discussão sobre a institucionalização da sociologia a nível escolar.

Em agosto de 2006, o jornal “O Estado de São Paulo” (04/08/2006) publica alguns dados referentes ao censo escolar 2005. Os números acentuam a quantidade de alunos matriculados nas escolas de ensino médio no país, cerca de nove milhões de jovens, como vemos na tabela a seguir, a qual divide as instituições entre Públicas e Privadas:

**TABELA 5: Número de escolas de ensino médio no Brasil e quantidade de alunos matriculados<sup>14</sup>**

	Públicas	Privadas	Total
Número de escolas	16.570	6.991	23.561
Número de alunos	7.933.713	1.097.589	9.031.302

Segundo “O Estado de São Paulo” (19/02/2006) o CNE aponta que desde a criação dos PCN’s (1998) cada Estado ficou responsável pela introdução da disciplina no currículo. Em outra nota o jornal afirma que algumas unidades da Federação já cumpriam com o sugerido são elas: Alagoas, Amazonas, Amapá, Distrito Federal, Espírito Santo, Goiás, Mato Grosso do Sul, Pará, Pernambuco, Paraná, Piauí, Rio de

<sup>14</sup> Censo Escolar 2005, Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (Inep/MEC).



Janeiro, Rio Grande do Norte, Rondônia, Roraima, Santa Catarina, Sergipe, São Paulo e Tocantins (O Estado de São Paulo, 11/08/2006)<sup>15</sup>.

Ainda neste mesmo ano o CNE se posiciona como favorável à obrigatoriedade da disciplina. Aponta que não está mais a cargo de cada Estado a inclusão da sociologia e da filosofia, e que a LDB (1996) deve ser interpretada tendo os dois conhecimentos como obrigatórios ao desenvolvimento do educando. Também são publicadas as “Orientações Curriculares para o Ensino Médio” (OCN’s; 2006).

Este documento parte da interpretação colocada pelo CNE. Trabalha todas as disciplinas, oferecendo aos professores um conjunto de reflexões. Baseia-se na matriz curricular, a qual a partir deste momento inclui sociologia e filosofia.

No ano seguinte o jornal “O Estado de São Paulo” publica alguns artigos contrários à interpretação do CNE. Em um deles, Simon Schwartzman, sociólogo e cientista político, afirma que:

A idéia de que os jovens aprendam sociologia e filosofia, pode ser importante, assim como economia, direito, etc. Mas, com tantas matérias, os programas são superficiais, os professores não entendem o que ensinam, os alunos estudam para passar e logo esquecem o que decoraram. (...). Introduzir mais cursos obrigatórios é tornar os currículos mais rígidos e mais burocráticos, sem nenhuma garantia de que os alunos vão ganhar algo com isso. Além do mais, como estas áreas são controversas, e a maioria dos cursos superiores brasileiros não são bons, o mais provável é que o ensino acabe sendo dado por professores sem condição de ensinar conteúdos realmente ricos e interessantes. A obrigatoriedade destas disciplinas foi uma vitória dos sindicatos de sociólogos e de professores de filosofia, que ganharam assim empregos garantidos para os que têm estes diplomas. Bom para eles, mais um retrocesso a mais no péssimo ensino que temos no país (O Estado de São Paulo, 26/08/2007).

Apesar dos ataques dos meios de comunicação de massa, no ano de 2008 tramita no Congresso Nacional novo projeto de lei na tentativa de reformular o texto da LDB (1996). O autor naquele momento foi o Deputado Federal Ribamar Alves (PSB-MA), o qual afirma haver retomado o projeto vetado por FHC.

O projeto é aprovado pelo Senado Federal e no dia 02 de junho de 2008, o Presidente da República em exercício, José Alencar (PMDB), sanciona a obrigatoriedade da sociologia e da filosofia a nível nacional.

## **2.2. Dos clássicos à atualidade**

Este item está dividido duplamente a fim de percorrer a mesma trajetória histórica citada anteriormente. Em primeiro lugar situo o que representa o ensino de sociologia para os cientistas sociais de uma forma geral, localizando o Brasil neste contexto, mas também abordando a teoria de um autor norte-americano, Wright Mills

---

<sup>15</sup> Estes dados foram fornecidos pelo jornal, não se sabe em que medida são verídicos e qual a qualidade do ensino que vinha sendo oferecido.

(1972). Para encerrar abordo as discussões atuais sobre o processo histórico de institucionalização da disciplina e os temas e questões pertinentes à sua modalidade de ensino.

### ***2.2.1. O que os clássicos pensam a respeito da disciplina de Sociologia***

As discussões referentes à importância do ensino de sociologia na escola secundária brasileira tiveram destaque em 1954, no 1º Congresso Brasileiro de Sociologia<sup>16</sup>, onde Florestan Fernandes apresenta argumentos favoráveis a sua introdução nos currículos, enfatizando sua relevância no processo formativo dos jovens. Em um primeiro momento o autor se refere à necessidade de abertura do mercado de trabalho para os profissionais licenciados em Ciências Sociais. Faz menção à necessidade de discussão do ensino de sociologia na escola, fazendo uma espécie de ‘defesa’ de sua modalidade de ensino na Educação Básica:

A questão de se saber se a sociologia deve ou não ser ensinada no curso secundário coloca-se entre os temas de maior responsabilidade, com que precisam defrontar-se os sociólogos no Brasil. Os interesses profissionais alimentam a presunção de que seria uma medida praticamente importante e desejável a introdução da sociologia no currículo da escola secundária brasileira. Admite-se que as oportunidades docentes concedidas aos licenciados em ciências sociais são demasiado restritas. A ampliação do sistema de matérias no ensino secundário permitiria garantir uma absorção regular ou permanente dos licenciados e garantiria as seções de Ciências Sociais das Faculdades de Filosofia uma certa equivalência com as demais seções, no que concerne a motivação material dos alunos, que procuram estas Faculdades porque pretendem dedicar-se ao exercício do magistério secundário e normal. Tais interesses são naturalmente legítimos. Nas condições brasileiras é quase impossível estimular o progresso das pesquisas sociológicas sem que se criem perspectivas de aproveitamento real de pessoal especializado (FERNANDES; 1976, p. 105).

Mais especificamente, Florestan Fernandes (1976), está preocupado com dois pontos-chaves. Ele discute qual é a posição que o ensino secundário ocupa naquele momento histórico dentro do sistema educacional brasileiro, e, portanto, qual é a ‘função’ do ensino das ciências sociais nestas escolas. Para o autor o ensino da sociologia na escola secundária seria a maneira mais construtiva de divulgação dos conhecimentos sociológicos e sua difusão terá importância para o desenvolvimento da própria ciência sociológica.

Ainda neste artigo, Florestan Fernandes cita outros pensadores, sociólogos e educadores. Explicita seus pontos de vista, para em seguida articular sua argumentação. Aborda Emílio Willems<sup>17</sup> quando se refere à importância do ensino da sociologia para

---

<sup>16</sup> FERNANDES (1976).

<sup>17</sup> Cf. **Emílio Willems**: *Assimilação e Populações Marginais no Brasil*, São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1940; *Aculturação dos Alemães no Brasil*, São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1946; *O Problema Rural Brasileiro do Ponto de Vista Antropológico*, Secretaria da Agricultura, Indústria e Comércio do Estado de São Paulo, 1944; *Assimilação e Educação*, *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, 1945. Vol. IV, Nº II, p. 173-181.

conscientização crítica e política dos jovens inseridos em um mundo de transformações rápidas e repentinas:

No que concerne a função geral do ensino das ciências sociais em um sistema educacional que o comportasse, o ponto em que insiste é o relativo às condições de vida política nas sociedades democráticas. Elas exigem capacidade pronta de escolha e de ajustamento rápido a situações extremamente instáveis, o que torna necessário um adestramento educacional prévio para o exercício contínuo do espírito crítico com base no conhecimento histórico-sociológico do meio social ambiente (*Apud*, p. 107).

Florestan também levanta algumas discussões realizadas no *Symposium sobre o Ensino da Sociologia e Etnologia*<sup>18</sup>, onde os autores Antonio Candido<sup>19</sup> e Costa Pinto<sup>20</sup>, sucessivamente, afirmam que:

O seu escopo deve ser, antes de tudo, munir o estudante de instrumentos de análise objetiva da realidade social; mas também, complementarmente, o de sugerir-lhe pontos de vista mediante os quais possa compreender seu tempo, e normas com que poderá construir a sua atividade na vida social (*Apud*, p. 108).

De todas, a preocupação comum (...) é estabelecer um conjunto de noções básicas e operativas, capazes de dar ao aluno uma visão não estática nem dramática da vida social, mas que lhe ensine técnicas e lhe suscite atitudes mentais capazes de levá-lo a uma posição objetiva dos fenômenos sociais, estimulando-lhe o espírito crítico e a vigilância intelectual que são social e psicologicamente úteis, desejáveis e recomendáveis numa era que não é mais de mudança apenas, mas de crise, crise profunda e estrutural (*Apud*, id., *ibid.*).

A nova Sociologia no Brasil estava preocupada em compreender o seu processo histórico em formação e em transformação, afirmando que o ensino secundário não respondia mais às necessidades que a sociedade globalizada estava necessitando<sup>21</sup>. Via a educação como um processo de demora cultural e social, que precisava corresponder às novas necessidades culturais e sociais, e não mais ser um ensino ‘enciclopédico’ e ‘propedêutico’. A educação básica precisa responder às necessidades concretas do ensinamento para o trabalho e também de uma formação geral do ser humano, unindo estes dois elementos. Ela precisa ser laica e gratuita para formar uma força de trabalho que se enquadre nos novos moldes produtivos.

Florestan Fernandes (1976) dialoga com Fernando de Azevedo<sup>22</sup> para introduzir suas considerações relacionadas ao ensino secundário no país:

---

<sup>18</sup> Cf. *Sociologia*, 1949, Vol, XI – Nº 3.

<sup>19</sup> Antonio Candido, *Sociologia; Ensino e Estudo*, in rev. cit., p. 279.

<sup>20</sup> L. A. Costa Pinto, *Ensino a Sociologia nas Escolas Secundárias*, in rev. cit., p. 307.

<sup>21</sup> As discussões acerca do ensino da sociologia na escola média estão entrelaçadas ao desenvolvimento da sociologia no Brasil como disciplina científica, esta relação é interdependente. Moraes (2004) afirma que a disciplina se fortalece na escola quando discutida nos meios científicos. Não foi possível neste trabalho aprofundar-se nas questões referentes ao desenvolvimento da sociologia científica no Brasil. Para saber mais consultar: **FERNANDES, Florestan**. *A sociologia no Brasil : contribuição para o estudo de sua formação e desenvolvimento*. Petropolis: Vozes, 1977.

<sup>22</sup> Cf. Fernando de Azevedo, *A Cultura Brasileira*, 2ª ed., Companhia Editora Nacional, São Paulo, 1944 (Parte III, caps. III-IV; esp. p. 367-368, 370, 375-376, 394, 413-414, 429-430).

A posição do ensino secundário no sistema educacional brasileiro permite defini-lo sociologicamente, portanto, como um tipo de ‘educação estática’ que visa unicamente a conservação da ordem social. É claro que essa posição nasce da própria função por ele desempenhada no sistema educacional geral e será mantida enquanto este não for alterado como um todo, em sua estrutura e em seus fins. Doutra lado, também parece evidente que a persistência da velha mentalidade educacional e a influência dos círculos sociais que a sustentam se explicam, sociologicamente, pelo fato das tradições e de instituições sociais como a família ou a igreja manterem ainda uma parte considerável de sua atividade educativa . (...) Eis o corolário dessa situação: um ensino médio sem possibilidade de tornar-se um ‘instrumento consciente de progresso social’, isto é, incapaz de proporcionar uma ‘educação dinâmica’. Não é preciso muita sagacidade para se perceber que, mantendo-se as condições atuais, o sistema educacional brasileiro não comporta um ensino médio em que as ciências sociais possam desempenhar algum papel (FERNANDES; 1976, p. 112-113).

O autor estava preocupado com a situação da educação escolar no Brasil da década de 1950, e desde então já mencionava quais eram as particularidades das ciências sociais quando comparadas às demais ciências ensinadas na escola:

Os critérios fornecidos pela tradição jurídico-literária ou pela noção vulgar corrente de que os rudimentos de física, química e biologia capacitam os alunos para qualquer aprendizagem ulterior no campo das ‘ciências’ excluem toda possibilidade de solução racional. Quando esta puder ser atingida, graças à transformação da mentalidade dominante no trato dos problemas pedagógicos, então ruirá a própria concepção de ensino secundário ‘aquisitivo’ e ‘enciclopédico’, deixando de existir as razões que poderiam aconselhar a introdução das ciências sociais no currículo do ensino médio, com fundamento nas exigências do ensino superior (id., ibid., p. 113-114).

Mencionava reformas necessárias para que o ensino da sociologia viesse a ter significado cultural na vida dos jovens em contato com a disciplina:

Qualquer que seja a razão que fundamente a inclusão das ciências sociais no currículo do ensino de grau médio no Brasil, é impraticável a preservação de técnicas pedagógicas antiquadas. Em particular, conviria intervir, concomitantemente, nas condições que dão a esse ensino um caráter ‘aquisitivo’. De outro, a idéia de introduzir inovações no currículo da escola secundária brasileira ganha outra significação, quando examinada à luz a própria influência construtiva da educação pelas ciências sociais em um país em formação, como o Brasil. Aos argumentos apresentados, seria possível acrescentar que esse ensino possui um interesse prático-específico, que hoje ainda não é evidente. É que ele poderá contribuir para preparar as gerações novas para manipular técnicas racionais de tratamento dos problemas econômicos, políticos, administrativos e sociais, as quais dentro de pouco tempo, presumivelmente, terão que ser exploradas em larga escala no país (id., ibid., p. 118-119).

Florestan deixa em aberto algumas sugestões práticas no que se refere à investigação deste objeto de pesquisa propriamente dito, são elas:

Quais são as funções que o ensino da sociologia pode preencher na formação da personalidade e que razões de ordem geral aconselham a inclusão da matéria no currículo do ensino de grau médio? ’; ‘Por que se deve desejar a introdução da sociologia no ensino secundário brasileiro? ’; ‘Por que é preciso criar condições plásticas de formação da personalidade e de preparação para a vida na sociedade brasileira? ’; ‘Quais são as funções que o ensino da sociologia está em condições de preencher atualmente na escola secundária brasileira e, em particular, em que sentido poderá contribuir para alterar o sistema educacional brasileiro, de modo a fazer com que a educação se torne um “instrumento consciente de progresso social” nos diferentes meios sociais em que se integra no Brasil? ’; ‘Quais são as alterações de ordem pedagógica que seriam aconselháveis, tendo-se em vista as condições de integração estrutural e de funcionamento da escola secundária brasileira, para que o ensino a sociologia possa preencher as funções assinaladas? (id., ibid., p. 119-120)

Em um segundo momento Florestan Fernandes (1978) aponta que os problemas sociais a serem ‘resolvidos’ são complexos. Segue argumentando que existem quatro problemas sociais que a civilização humana está tendo de enfrentar. Em primeiro lugar estaria a atual forma de organização da família, da propriedade e do Estado. Em segundo lugar os problemas relativos às condições de vida no campo e na cidade derivadas do processo de urbanização. Em terceiro lugar estariam os problemas sociais resultantes dos conflitos internacionais, e por fim a utilização de técnicas baseadas em descobertas científicas, por exemplo, a organização da produção agrícola ou industrial pela tecnologia.

O autor defende que existem ‘técnicas de manipulação’ que alienam a personalidade dos sujeitos, o que faz com que eles se tornem ‘inocentes’ com relação ao meio em que vivem. As ‘funções’ das ciências sociais estariam no sentido de libertar os indivíduos da manipulação que sofrem no que se refere à opinião pública e ao universo da propaganda. Ele afirma que quando as sociedades eram estritamente rurais a sabedoria popular dava conta de explicar a realidade dos que ali viviam. Com o advento da industrialização, as sociedades se tornaram modernas e complexas, o que causou uma reviravolta nos padrões e costumes absorvidos anteriormente. Para ele as relações sociais presentes no mundo moderno só podem ser explicadas através das ciências sociais, as quais são capazes de analisar os fenômenos da mesma ordem. Uma vez em contato com esta forma de conhecimento a população poderá se libertar das amarras deste ‘universo alienante’. Nas palavras de Florestan Fernandes:

No mundo social, sobre cujos escombros nasceu a nossa sociedade industrial e urbana, o conhecimento recíproco e a tradição continham os elementos de referência da ação social e da conduta humana. Com a transição para a vida social urbana, porém, esses elementos foram substituídos por outros: a organização grupal em termos de interesses e a propaganda. Por isso, na sociedade em que vivemos conhecemos poucas pessoas intimamente e participamos ou tomamos atitudes diante de movimentos sociais movidos apenas por ‘rumores’, ‘notícias’, ‘manifestações’, etc., que se infiltraram em nossa mente de fora para dentro, por meio de contatos eventuais com pessoas que não conhecemos ou que conhecemos mal, do jornal, do rádio, etc. Essa situação, que me dispense de descrever aqui de maneira completa deu origem a pessoas, grupos de pessoas e a técnicas sociais cuja função é a de ‘manipular a opinião pública para determinados fins’. Assim, sob o disfarce de motivos ideológicos, de fins altruísticos, de realizações econômicas, etc., são organizados movimentos sociais que arrastam em seu bojo pessoas que poderiam ser qualificadas de ‘inocentes’ (com relação à consciência dos fins reais dos movimentos de que participam ou ao qual aderem, é claro) (FERNANDES; 1978, p. 26).

Fernandes afirma que as ciências sociais podem interferir na vida destes sujeitos quando se fala em educação:

Através do ensino das ciências sociais poderemos preparar as gerações novas para viver em segurança e em liberdade; pois é da aquisição dos conhecimentos dela obtidos que dependem, cada dia que passa, de modo mais acentuado, as possibilidades de conduta racional. (...) O ensino das ciências sociais desempenharia um papel construtivo no estabelecimento do equilíbrio, fornecendo assim novas bases para a decisão e a deliberação individuais. (...). O busfllis da coisa está, portanto, na preparação do homem para proceder a escolhas compatíveis com seus

interesses reais e com os valores com os quais se identifique de fato. (...). É de esperar-se que a educação pelas ciências sociais crie personalidades mais aptas à participação das atividades políticas, como estas se processam no mundo moderno. É sabido que o exercício do poder político por pequenos grupos ou por minorias, tiranicamente ou não, contra a vontade da maioria, é possível onde os controles pessoais da vida pública são insuficientemente desenvolvidos ou tem sua atuação frustrada por meio da violência, da coação ou da corrupção. A desobstrução do horizonte intelectual e a libertação dos efeitos sedativos da propaganda (e também da tradição, nas esferas em que esta consegue preservar sua influência) parece ser condições primárias para a formação de controles pessoais da vida pública, em sociedades de organização político-social democrática. (...) De um lado, elas nos abrem perspectivas quase insondáveis de conhecimento e de domínio as forças que operam no meio social em que vivemos. De outro lado, elas poderão contribuir, de forma poderosa, para a formação do novo tipo de homem, exigido pela civilização científica e industrial, em desenvolvimento (id., ibid., p. 28).

Wright Mills (1972) ressalta que dentro deste modelo alienante, vivido pela população, existe uma incapacidade de utilizar suas próprias consciências devido ao meio institucional ao qual elas estão inseridas, como por exemplo, o emprego, a família, os vizinhos. Desta forma os indivíduos são “encurralados” pelos seus próprios meios. Aponta que a *Imaginação Sociológica* seria uma espécie de forma mais frutífera de consciência e está relacionada com a necessidade de compreender o cenário histórico dos indivíduos. O autor parte da idéia que para olhar o específico deve-se compreender sua realidade ampla anteriormente. Que o tempo específico vivido pelos agentes é o que vai definir sua biografia e sua história. Ele defende que a vida do indivíduo está dentro da história deles mesmos, que o indivíduo e a história caminham juntos. Define binômios como Homem/Sociedade, Biografia/História e Eu/Mundo. Afirma que os homens:

Raramente tem consciência da complexa ligação entre suas vidas e o curso da história mundial; por isso, os homens comuns não sabem, quase sempre, o que essa ligação significa para os tipos de ser em que se estão transformando e para o tipo de evolução histórica de que podem participar. Não dispõem da qualidade intelectual básica para sentir o jogo que se processa entre os homens e a sociedade, a biografia e a história, o eu e o mundo. Não podem enfrentar suas preocupações pessoais de modo a controlar sempre as transformações estruturais que habitualmente estão atrás deles (MILLS; 1972, p. 10).

O autor afirma que a história do século XX sofre transformações que caminham para a III Guerra Mundial, e é dentro deste contexto histórico que os indivíduos precisam compreender o sentido de sua própria época e de sua própria vida, para se libertarem da sensação de “encurralamento”. Neste sentido, o senso-comum possui uma consciência falsa de suas posições sociais. Defende o conceito de *Imaginação Sociológica* para expor seus argumentos com relação às necessidades dos homens na contemporaneidade:

O que precisam, e o que sentem precisar, é uma qualidade de espírito que lhes ajude a usar a informação e a desenvolver a razão, a fim de perceber, com lucidez, o que está ocorrendo no mundo e o que pode estar acontecendo dentro deles mesmos (...) A Imaginação Sociológica capacita seu possuidor a compreender o cenário histórico mais amplo, em termos de seu significado para a vida íntima e para a carreira exterior de numerosos indivíduos. Permite-lhe

levar em conta como os indivíduos, na agitação de sua experiência diária, adquirem frequentemente uma consciência falsa de suas posições sociais. Dentro dessa agitação, busca-se a estrutura da sociedade moderna, e dentro dessa estrutura são formuladas as psicologias de diferentes homens e mulheres. Através disso, a ansiedade pessoal dos indivíduos é focalizada sobre fatos explícitos e a indiferença do público se transforma em participação nas questões públicas (id., *ibid.*, p. 11-12).

A *Imaginação Sociológica* abre espaço para compreender este cenário histórico, qual é a estrutura desta sociedade moderna e como é formada sua psicologia. Em primeiro lugar trata-se de compreender seu período histórico, sua experiência individual e seu destino (sociedade- biografia- seqüência histórica). A idéia é pensar o específico, pensando a vida social como um todo. Conhecer o sentido social e histórico do indivíduo na sociedade e no período vivido por ele. Este seria o sentido cultural das ciências sociais:

O primeiro fruto dessa imaginação – e a primeira lição da ciência social que a incorpora – é a idéia de que o indivíduo só pode compreender sua própria existência e avaliar seu próprio destino localizando-se dentro de seu período; só pode conhecer suas possibilidades na vida tornando-se cômico das possibilidades de todas as pessoas (...) Chegamos a saber que todo indivíduo vive de uma geração até a seguinte, numa determinada sociedade; que vive uma biografia, e que vive dentro de uma seqüência histórica. E pelo fato de viver, contribui, por menos que seja, para o condicionamento dessa sociedade e para o curso de sua história, ao mesmo tempo em que é condicionado pela sociedade e pelo seu processo histórico (id., *ibid.*, p. 12).

Para Mills (1972) as ciências sociais devem ser o denominador comum de nosso período cultural e neste sentido, a *Imaginação Sociológica*, uma qualidade intelectual necessária. O conceito aponta uma orientação para o presente como história, prometendo um entendimento das realidades íntimas ligadas a realidades sociais mais amplas, onde a razão humana desempenha um papel maior nos questionamentos pessoais dos indivíduos. A ciência aqui é vista como um instrumento de conquista para alcançar este denominador comum.

Para Octavio Ianni (1997) a realidade atual está envolta a um processo de mundialização intensa do capital, que ocorre dentro do modelo de Estado Neoliberal, o qual reduz suas políticas sociais, e dá abertura para o setor privado ‘cuidar’ destes assuntos. A época é de globalização, ou seja, abertura de fronteiras entre os países, o que faz com que o grande capital passe a se locomover pelo mundo todo. Ianni está preocupado com os desafios para a Sociologia dentro deste contexto e demonstra que é necessário haver novas reflexões relacionadas às especificidades decorrentes deste processo. Neste contexto as ciências sociais seriam uma espécie de fundamentação da prática humana, que ao atingir todas as esferas da vida privada, se tornaria uma forma de autoconsciência científica da realidade social. O autor afirma que é necessário se pensar no mundo social em que vivemos, compreendendo seu lugar no mundo,

enquanto indivíduo dentro de seu tempo histórico. Demonstra o sentido das ciências sociais como um todo com relação à ciência e ao ensino:

A Sociologia pode ser vista como uma forma de autoconsciência da realidade social. Essa realidade pode ser local, nacional, regional ou mundial, micro ou macro, mas cabe sempre a possibilidade de que ela possa pensar-se criticamente, com base nos recursos metodológicos e epistemológicos que constituem a sociologia como disciplina científica. [...] Ocorre que a sociologia pode tanto decantar a tessitura e a dinâmica da realidade social como participar da constituição dessa tessitura e dinâmica. Na medida em que o conhecimento sociológico se produz, logo entra na trama das relações sociais, no jogo das forças que organizam e movem, tensionam e rompem a tessitura e a dinâmica da realidade social (IANNI; 1997, p. 25).

Partindo destas contribuições e, se situando como educador neste processo, pode-se pensar quais são as possibilidades didáticas dos conteúdos de Sociologia em sala de aula. Como utilizar esta ciência “conscientizadora” para educar cidadãos de um mundo globalizado dentro do contexto que envolve os alunos que estão no Ensino Médio brasileiro. O professor precisa ser um pesquisador da área em que ele está atuando para realizar seu trabalho dentro deste processo de mudança social.

### ***2.2.2. Atuais concepções a respeito do ensino da Sociologia na escola média***

Como mencionado na primeira parte do presente capítulo alguns foram os obstáculos e desafios para que a disciplina de sociologia se tornasse obrigatória no currículo. O último documento oficial publicado em nível nacional tratando do ensino em questão, elaborado pelos sociólogos Amaury César Moraes, Elisabeth da Fonseca Guimarães e Nelson Dácio Tomazi, foram as Orientações Curriculares para o Ensino Médio – Ciências Humanas e Suas Tecnologias (Conhecimentos de Sociologia), em 2006. Os autores apontam toda a historicidade das lutas desenvolvidas para que a disciplina integrasse o currículo, enfatizando o ‘porque’ de se ensinar esta ciência e ‘como’ transmiti-la aos jovens:

A Sociologia, como espaço de realização das Ciências Sociais na escola média, pode oferecer ao aluno, além de informações próprias do campo dessas ciências, resultados das pesquisas as mais diversas, que acabam modificando as concepções de mundo, a economia, a sociedade e o outro, isto é, o diferente – de outra cultura, ‘tribo’, país, etc. Traz também modos de pensar (Max Weber, 1983) ou a reconstrução e desconstrução dos modos de pensar. É possível, observando as teorias sociológicas, compreender os elementos da argumentação – lógicos e empíricos – que justificam um modo de ser de uma sociedade, classe, grupo social e mesmo comunidade (OCN’s; 2006, p. 105).

O documento segue expondo que o contato com a disciplina é importante por fazer desenvolver habilidades como a ‘desnaturalização’ e o ‘estranhamento’, particulares ao ensino da sociologia:

Há uma tendência sempre recorrente a se explicarem as relações sociais, as instituições, os modos de vida, as ações humanas, coletivas ou individuais, a estrutura social, a organização política, etc. com argumentos naturalizadores (id., ibid., p. 106).



Com relação ao ‘estranhamento’ coloca-se que:

Está em causa observar que os fenômenos sociais que rodeiam a todos e dos quais se participa não são de imediato conhecidos, pois aparecem como ordinários, triviais, corriqueiros, normais, sem necessidade de explicação, aos quais se está acostumada, e que na verdade nem são vistos (id., *ibid.*).

Os autores colocam que a particularidade da sociologia com relação às demais disciplinas que compõem o currículo das ciências humanas, como história e geografia, é o estudo e a análise dos fenômenos sociais, e que para tal é necessário desencadear nos alunos tal ‘estranhamento’ diante destes fenômenos para que eles possam ser problematizados pelas ciências sociais.

Dialogando com a temática, a autora Ileizi Silva<sup>23</sup> afirma que:

O ensino das ciências sociais na disciplina sociologia deverá possibilitar o desenvolvimento dessa capacidade de distanciamento e envolvimento. Capacidade de distanciamento significa que todo exercício de compreensão dos jovens sobre o meio social em que vivem, os conhecimentos aprendidos na escola, os valores de sua religião de origem e os valores do capitalismo será possível com o estranhamento desses fenômenos tidos como ‘naturais’. Esse distanciamento, que é ‘mais fácil’ nas ciências naturais e exatas e mais complicado nas ciências sociais, poderá ser estimulado através do ensino dos instrumentos teóricos e de pesquisa elaborados ao longo de mais de cento e cinquenta anos nas ciências sociais, especialmente, na antropologia, na ciência política e na sociologia. (SILVA; 2005, p. 11)

Para tanto se discute como realizar a transmissão de um conhecimento acadêmico, para um conhecimento escolar. O documento oficial afirma que:

Deve haver uma adequação em termos de linguagem, objetos, temas e reconstrução da história das Ciências Sociais para a fase de aprendizagem dos jovens – como de resto se sabe que qualquer discurso deve levar em consideração o público-alvo (OCN’s; 2006. p. 107).

As OCN’s seguem levantando um questionamento sobre a que espécie de ‘mediação’ o conhecimento científico terá de se dispor para alcançar o ‘mundo’ dos jovens. Está colocado em xeque que os alunos do EM se diferenciam dos alunos da graduação, pois, os primeiros não estão interessados em ‘desenvolver’ seu ‘olhar sociológico’, estão cursando o ambiente escolar obrigados, ou pelos pais ou pela própria sociedade, no que se refere a ‘melhor’ colocação no mercado de trabalho. Já os segundos escolheram por livre e espontânea vontade cursar o nível superior de Ciências Sociais. Portanto, os segundos estão muito mais aptos a desenvolver as ‘habilidades’ propostas, enquanto os primeiros podem nunca alcançá-las se não trabalhadas de forma adequada. Neste sentido a mediação entre o conhecimento científico e os alunos está inserido no que se convém a chamar de:

‘Cultura’ própria – o que muita vez se chama ‘cultura escolar’ –, em que saberes produzidos pelas pesquisas acadêmicas são transformados em ‘saberes escolares’, com características próprias, definidas por um contexto de ensino em que se redefinem os tempos, os conteúdos, os métodos, as avaliações e as condições do aprendizado dos alunos (id., *ibid.*, p. 108).

---

<sup>23</sup> **SILVA.** Curso de curta duração ministrado, 2005. Disponível em: <http://www2.uel.br/grupo-estudo/gaes/arquivos/Ileizi>

Neste sentido a autora Ileizi Silva<sup>24</sup> discute como os saberes das disciplinas alcançam o nível escolar através da contextualização e da recontextualização de seus ensinamentos, ou seja, como uma ciência se torna um saber escolar e qual é o caminho que ela percorre até chegar às salas de aula. O campo da contextualização seria definido pelas Universidades e pelos grandes centros de pesquisa e os outros dois campos da recontextualização seriam definidos primeiramente pelos órgãos governamentais que intermediam o conhecimento educacional (MEC, Secretarias de Educação Estaduais) e, posterior, seria a formação de professores, dos livros didáticos até chegarem às salas de aula. Este último campo seria um campo de tradução dos conhecimentos produzidos no campo da contextualização. Todos estes campos se articulam e se dialogam através de relações sociais de disputas entre classes e entre partidos políticos. Este saber escolar é produzido a partir de conhecimentos científicos preliminares, onde o movimento dialético é constante através da *teoria – prática – teoria*, pois a partir da prática se constrói conhecimento empírico para a produção de novas teorias.

Silva está preocupada com a construção de bases adequadas ao ensino de sociologia, para que esta disciplina seja realmente produtiva no processo de formação dos jovens brasileiros que estão e que estarão na escola. Enfatiza que esta discussão é ainda algo em construção.

Flávio Sarandy (2004) escreve sobre o ensino de sociologia na escola e justifica o porquê de ensinar esta ciência a jovens e quais são seus objetivos no campo escolar. Coloca que normalmente a ciência sociológica é vista pejorativamente pelo senso-comum, uns a tratam como sendo esquerdista e outros como revolucionária. Segue sua argumentação levantando as dificuldades desta modalidade de ensino. Ele considera a falta de experiência dos estudantes da licenciatura em ciências sociais um problema a ser discutido, uma vez que os colegas da área de humanas (história e geografia), já discutem o ensino das disciplinas há algumas décadas. Outro ponto em questão seria a fragilidade dos próprios cursos de ciências sociais que dão uma maior ênfase ao bacharelado, à pesquisa científica, e não ao ensino propriamente dito. Após sua argumentação inicial Sarandy questiona-se sobre a especificidade da sociologia em relação às demais disciplinas de humanidades afirmando que a linha que as separa é tênue. Defende ser necessário criar uma identidade própria para a disciplina e construir um saber organizado que seja viável à introdução da disciplina no nível médio de

---

<sup>24</sup> **SILVA.** SBS – XII Congresso Brasileiro de Sociologia, 2005.

ensino. Coloca que o questionamento sobre a vida social humana seria seu sentido mais abrangente:

Problematizar a vida do próprio aluno, sua existência real num mundo real, com suas implicações nos diversos campos da vida: ético-moral, sociopolítico, religioso, cultural e econômico. (SARANDY; 2004, p. 122)

O ensino da sociologia no nível médio contribui para a formação de um jovem com pensamento crítico, uma vez que coloca os estudantes em contato com o mundo social vivido por eles, com suas próprias realidades, como também propicia uma aproximação com diversas formas de cultura, dentre as demais discussões abordadas pelo pensamento sociológico. Ainda nesta discussão Sarandy coloca que:

Vivemos a herança de um difícil processo de transição para a democracia e por isso é imprescindível que a escola assuma seu papel neste processo, preparando as crianças e os jovens para o exercício consciente e responsável da vida democrática e minorando os efeitos sociais de toda uma geração educada para a passividade e o embotamento do pensamento crítico e comprometido. Para que isso ocorra, além de exigências político-institucionais, é de fundamental importância a introdução, nas instituições escolares, de um tipo de reflexão e pesquisa que se pautem no conhecimento das Ciências Sociais e que oriente a formação de nossos alunos para o fortalecimento da democracia enquanto valor social fundamental e para sua construção a partir da vida cotidiana. O ensino da Sociologia deve fornecer, então, condições para um aprendizado que permita uma interferência consciente na sociedade por parte de seus cidadãos a fim de que sejam garantidas as mudanças necessárias à superação dos desafios atuais de nossa sociedade (id., *ibid.*, p. 124).

Sarandy levanta o seguinte questionamento: “Que é que tem o olhar sociológico que é diferente do olhar dessas outras disciplinas?” (2004, p. 125). Cita Roberto Cardoso de Oliveira<sup>25</sup> a fim de discorrer sobre uma nova atitude cognitiva proporcionada pela especificidade das ciências sociais em olhar, ouvir e escrever sobre seus objetos de análise, seria uma espécie de “domesticação” intelectual para a interpretação de fenômenos sociais. Para o autor do artigo em questão:

Podemos afirmar que o contato dos jovens educandos com essas teorias, ainda que formatadas pela didática necessária ao nível Médio de ensino, irá produzir neles uma percepção, uma compreensão e um modo de raciocínio que nenhuma outra disciplina irá produzir (id., *ibid.*, p. 126).

Para este autor a finalidade do ensino de sociologia pode ser definida por este argumento:

Quando o aluno compreende que os cheiros, os gestos, as gírias, as tensões e conflitos, as lágrimas e alegrias, enfim, o drama concreto dos seus pares é em grande medida resultante de uma configuração específica de seu mundo, então a Sociologia cumpriu sua finalidade pedagógica (id., *ibid.*, p. 130).

Moraes *et al.* (2007) colocam que os debates e as análises sobre o ensino de sociologia ainda estão em fase embrionária. Consideram que a produção de seu conhecimento ainda é limitada, uma vez que sofre influência de alguns fatores externos.

---

<sup>25</sup> Aula inaugural para o Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp, de 1994, intitulada “O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir escrever”.

Um destes fatores seria a separação do universo escolar do universo acadêmico. Afirmam que existe uma hierarquia entre o campo acadêmico, científico e escolar e que neste sentido o ensino ocupa uma posição de menos prestígio com relação aos demais. Tanto no que se refere ao estudo científico desta modalidade a nível acadêmico, quanto aos desafios do dia-a-dia escolar. Defendem a idéia de que existe uma separação entre a escola e a universidade. Nas palavras dos autores existe uma falta de consolidação desta modalidade de ensino tanto no campo escolar, devido à sua intermitência nos currículos nacionais, quanto no campo acadêmico, quando se trata de um objeto a ser investigado:

As condições da disciplina indicam que dentro do campo das Ciências Humanas, o ensino de Sociologia não encontra espaço para discussão por estar em situação subalterna. Esta disciplina ocupa tal posição em relação às demais disciplinas escolares, talvez ainda por não estar com um espaço de discussão consolidado, seja no universo acadêmico seja no universo escolar, formando um círculo vicioso no qual a ausência de um implica a ausência do outro (MORAES *et. al*; 2007, p. 94).

Segundo Moraes:

Entre os cientistas sociais, a tendência tem sido de separação: pesquisadores em ciências sociais – que raramente se identificam como professores, mesmo que universitários -, e professores de sociologia do ensino médio estão em mundo diversos: aqueles bem postos, legitimados no campo acadêmico; estes desgarrados, vivendo uma ambigüidade crônica. (MORAES; 2004, p.5).

Complementando a idéia acima a autora Ileizi Silva (2002) acredita que o desenvolvimento do pensamento sociológico no Brasil depende da obrigatoriedade do ensino da disciplina de sociologia nas escolas brasileiras de nível médio, pois uma vez que existe a difusão deste conhecimento é mais fácil que a sociedade o legitime:

Acredita-se que a consolidação do pensamento sociológico no Brasil deveria estar associada também à sua difusão nos ambientes de formação de nível escolar básico. Ou seja, a inserção da sociologia, enquanto disciplina importante na hierarquia das disciplinas escolares deveria ser um problema fundamental nas reflexões sobre o desenvolvimento desta ciência no país. É a partir da difusão dos conhecimentos nas escolas, que se pode permitir que a sociedade valorize as diferentes ciências (Chervel, 1988)<sup>26</sup>. Assim, refletir a reinstitucionalização da Sociologia nos Currículos das Escolas Secundárias, articula-se ao esforço de reflexão sobre o desenvolvimento do pensamento sociológico no Brasil (SILVA *et. al*; 2002, p.2).

A necessidade de atrelar o universo acadêmico ao universo escolar está posta. Retoma-se a idéia que estas duas áreas do conhecimento devem estar relacionadas para que o pensamento sociológico se desenvolva no Brasil:

A separação da Sociologia – entre ensino e pesquisa – vem prejudicando o seu desenvolvimento no Brasil, porque ainda há forte insistência na manutenção dessa divisão, ou seja, os cientistas ainda persistem na dissociação do ensino em relação ao ramo científico, o ensino de Sociologia está dissociado das discussões científicas porque a educação não é considerada como um ramo da ciência [...] (MORAES *et al.*; 2007, p. 94).

---

<sup>26</sup> **CHERVEL, A.** História das disciplinas escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa. *Teoria & Educação*, Porto Alegre, v. 2, p 177-229, 1990.

Os argumentos se baseiam no fato de que o ensino de sociologia não consegue seu espaço no universo escolar devido às condições materiais de existência a que os professores da rede pública estão submetidos. Defende que se no âmbito acadêmico também não existe esta valorização com relação a este objeto analítico é mais fácil que ele não se legitime como conhecimento escolar necessário:

A nossa hipótese é que ausência, intermitência, falta de material, falta de debate são produto de um atraso na sua consolidação no universo escolar, pois a escola não se pronuncia quanto à seleção dos conteúdos mais pertinentes – aqueles que são passíveis de ser ensinados –, porque o conjunto de professores está diluído pelas condições de trabalho, atrasando a construção de debates nessa área de conhecimento, dado que não constituem uma “comunidade”. Assim, tal ensino ainda está ligado à produção acadêmica – relevância do conhecimento científico – na reprodução dos saberes cientificamente consagrados, pois faz-se uso dos mesmos métodos de explicação dos fenômenos sociais na universidade e no ensino médio (id., *ibid.*, p. 99-100).

Com relação à disciplina de sociologia estar proposta pela LDB (1996) como necessária ao “exercício da cidadania”, e por muitas vezes ela ser considerada uma disciplina que trata de temas atuais e cotidianos Moraes *et. al* afirmam que:

As leis confirmam que a educação como um todo, mas especialmente a Sociologia, deve ser responsável pela formação dos cidadãos, no entanto, tal tarefa não é exclusiva dessa disciplina nem há garantias de que ela possa atingir esse objetivo, pois seu valor poderia ser reduzido ao fornecimento de conhecimentos especializados nas ciências sociais, o que difusamente pode contribuir para aquela formação da cidadania. Desde aquela época, mas com maior ênfase hoje, um “curso de atualidade” não expressa a formação para a cidadania. Verificando os atuais livros didáticos, a concepção do estudo da Sociologia como um “curso de atualidade” permanece até hoje. E talvez por isso, as editoras estejam direcionadas para a formação da cidadania com objetivos de consumo (id., *ibid.*, p. 102).

Questões e temas freqüentes à pesquisa relacionada ao ensino de Sociologia não se remetem a sua forma de ensinar propriamente dita, mas sim a análises da história da disciplina no país e o contexto político da época, como afirma Moraes *et al.*:

Esses estudos contribuíram para a compreensão dos contextos político e educacional do período, no entanto, para que a discussão sobre o ensino avance se faz necessário ampliar em número e diversidade as pesquisas em torno da Sociologia, entrando no debate sobre conteúdos, recursos didáticos, metodologias e formação de professores, incluindo aí pesquisas sobre as práticas de ensino (id., *ibid.*, p. 108).

Encerram o mesmo ressaltando que o campo da Sociologia da Educação ainda não se interessa por esta discussão, dando lugar aos pedagogos quando se fala em pesquisa científica, gerando drásticas conseqüências para o ensino da disciplina em âmbito escolar:

O campo dos estudos sociológicos permanece sem agentes interessados no desenvolvimento de pesquisas sobre o ensino de Sociologia, pois os professores não criam, nem encontram espaços com esse intuito e os acadêmicos resistem em investir o ensino da Sociologia. Os professores do ensino médio estão mais preocupados em encontrar o número de aulas suficientes para completar a jornada integral do que em promover discussões no interior das escolas (...) No plano acadêmico, estudos sobre o ensino ainda estão em posição subalterna em relação a estudos de ordem teórica; em outras palavras, os estudos educacionais sobre ensino ainda não conquistaram um espaço legítimo no campo científico. Uma das razões seria o abandono desse tema pelos sociólogos, uma vez que eles permitiram que os pedagogos se apropriassem dos estudos educacionais, possivelmente por uma ausência de interesse e a partir disso, a produção

acadêmica ficou a cargo de profissionais com outra formação. Então, o que temos são pedagogos estudando sobre questões educacionais de toda ordem, inclusive na área de Sociologia, porém com um viés diverso do sociólogo, podendo desprezar particularidades da disciplina em análises genéricas. (...) As análises acerca do ensino de Sociologia ainda não pertencem a uma lista de prioridades da educação brasileira, a questão fica posta em um plano secundário por sociólogos e pedagogos, especialistas em educação (id., ibid., p. 109-110).

Neste parágrafo podemos perceber que o ensino de sociologia não depende somente dos professores envolvidos com a disciplina. A questão é muito mais abrangente, pois está relacionada à estrutura educacional do ensino público como um todo, bem como ao relacionamento que a própria universidade tem com o objeto de pesquisa referente ao ensino das ciências sociais no campo escolar<sup>27</sup>.

### **2.2.2.1. Temas e questões a serem trabalhados nas aulas**

Nesta seção irei me ater a dois documentos oficiais que legitimam os conteúdos a serem trabalhados pela sociologia no nível médio e às discussões realizadas no LEFIS. O primeiro deles já citado anteriormente neste capítulo são as OCN's (2006) e o segundo trata-se de um documento estadual, Proposta Curricular de Santa Catarina, já em vigor há onze anos, desde a implementação da obrigatoriedade da disciplina no Estado, em 1998. Também farei menção às discussões realizadas no laboratório, onde na oficina permanente de sociologia, ministrada pelas professoras Nise Jinkings<sup>28</sup> e Silvia Leni Auras de Lima<sup>29</sup>, se discute a organização de um conteúdo programado para a disciplina em nível estadual.

As OCN's (2006) não propõem um conteúdo programático definido a ser trabalhado com os alunos no ensino médio, o documento sugere algumas formas de alcançar os objetivos propostos pela disciplina. São três os caminhos mencionados, um deles seria trabalhar os temas pertinentes às ciências sociais (como por exemplo, *globalização, violência, desigualdade social e meio ambiente*) para a partir da realidade dos alunos encaixar os conceitos e as teorias dos autores clássicos e contemporâneos. Outra proposta seria partir das teorias dos autores Durkheim, Marx, Weber, Bourdieu, dentre outros, para enfim alcançar os conceitos, na tentativa de aproximar o teórico da vivência do aluno. Para encerrar aconselha recorrer também aos conceitos (como por exemplo, *classe social, mais-valia, ideologia e cultura*) para atingir os outros dois

---

<sup>27</sup> Sabemos que na pós-graduação em Sociologia Política da UFSC não existe nenhuma linha de pesquisa voltada à temática do ensino de sociologia propriamente dito. Este objeto de pesquisa está restrito a pós-graduação em Educação, nas linhas de pesquisa referentes à *Formação de Professores e Educação e Trabalho*.

<sup>28</sup> Nise Jinkings é professora das disciplinas de Metodologia do Ensino das Ciências Sociais e Prática de Ensino em Sociologia na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

<sup>29</sup> Silvia Leni Auras de Lima é professora aposentada do Colégio de Aplicação (Campus – UFSC). Lecionou por quinze anos a disciplina nesta instituição.

âmbitos, a teoria e a temática atual. Para referir-se a estas três categorias o documento trabalha com a idéia de que as esferas que o ensino de sociologia deve atender são: “*explicativa* ou *compreensiva* – teorias, *linguística* ou *discursiva* – conceitos e *empírica* e *concreta* – temas” (OCN’s; 2006, p. 117). Recomenda que os professores optem por um dos recortes, tendo os outros dois como referenciais.

A Proposta Curricular de Santa Catarina (1998) traz algumas recomendações sobre os conteúdos a serem trabalhados pela sociologia. Elenca como primeiro conteúdo o “*Surgimento do pensamento sociológico*”, passando por Marx e Durkheim. Num segundo momento aborda a questão da “*Estrutura Social*”, os conceitos de “*Infraestrutura e Superestrutura*”, “*A Divisão do trabalho na sociedade de classe*”, “*Classes sociais*” e “*Estado*”, encerrando com os “*Movimentos Sociais*”. O documento segue expondo alguns conteúdos pertinentes a serem trabalhados pela disciplina de Sociologia da Educação (magistério).

No LEFIS têm-se discutido um plano de ensino, elaborado pela professora Silvia Leni Auras de Lima para ser trabalhado com as três séries do ensino médio. De uma forma geral os conteúdos levantados são: “*Introdução aos conceitos de sociedade e sociologia*”, “*O conceito de trabalho e cultura*”, “*Cultura e Ideologia*”, “*A sociedade capitalista – as teorias clássicas para sua interpretação*”, “*Estado e Movimento sociais*” e “*Política e Partidos Políticos no Brasil*”.

É interessante que os professores entrevistados alcancem os conteúdos propostos pelos documentos oficiais, os quais dão legitimidade a sua prática diária.

### **3. ANÁLISE DOS DADOS**

Enfim a discussão atinge o campo de pesquisa analisado. Em um primeiro momento esboçarei breves considerações sobre as escolas pesquisadas, para em seguida relatar o posicionamento dos professores entrevistados com relação ao ensino de sociologia e sua prática diária. Para encerrar trabalharei os dados obtidos com os alunos e farei uma contraposição dos mesmos comparando-os com os dados abordados pelos docentes.

#### **3.1. Considerações sobre as escolas pesquisadas**

Neste tópico a idéia é levantar alguns dados relevantes às escolas pesquisadas. O intuito é enfatizar “de onde” o grupo fala, tanto no que se refere aos professores

entrevistados, quanto aos questionários respondidos pelos estudantes. Como dito na introdução do trabalho foram onze as escolas onde os dados primários foram coletados, seguirei a ordem proposta (*vide* TABELA 1).

Inicialmente tratarei das escolas federais e estaduais, respectivamente, pesquisadas no município de Florianópolis, para em seguida situar as escolas de Palhoça e Antônio Carlos. Os dados coletados partem das entrevistas concedidas pelos professores e dos relatórios de estágio supervisionado realizados pelos alunos do curso de Licenciatura da UFSC como mencionado na *Introdução* deste trabalho.

O Instituto Federal de Santa Catarina (IF-SC, antigo CEFET) está localizado no Centro da cidade de Florianópolis, Santa Catarina, na Avenida Mauro Ramos, número 950. É uma escola onde se tem o nível regular de ensino, educação tecnológica e Educação de Jovens e Adultos (EJA). Segundo o professor entrevistado a escola dispõe de toda a infra-estrutura necessária para que o ensino se desenvolva de forma satisfatória. Afirma que todos os alunos têm direito as fotocópias necessárias (uma vez que a escola não disponibiliza livro didático). Conta com sala multimídia, projetor de imagem (*data show*), essencial para trabalhar com filmes e apresentação de trabalhos digitalizados realizados pelos alunos. Dispõe também de um amplo laboratório de informática onde é possível que os alunos realizem pesquisas na rede mundial de computadores bem como criar tabelas e gráficos referentes às pesquisas realizadas coletivamente pelas turmas<sup>30</sup>.

Como instituição federal de ensino, o Colégio de Aplicação (UFSC) também demonstrou facilidades no que se refere às discussões do planejamento pedagógico anual, realizado pelos professores de todas as disciplinas em conjunto. A professora que ocupa a cadeira de sociologia atualmente afirmou que estes debates aclaram os professores com relação à realidade dos alunos, facilitando o trabalho no que se refere a aproximar o conteúdo da vida cotidiana dos alunos. O colégio é vinculado a Universidade Federal de Santa Catarina, mas especificamente ao Centro de Ciências da Educação (CED) e está localizado dentro do Campus Universitário. Foi criado em 1961 com a finalidade de servir de campo de ensino, pesquisa e extensão, voltado para o desenvolvimento de diferentes práticas pedagógicas. Ele atende alunos do ensino fundamental e médio, somando um total de 900 alunos. Os alunos ingressam no colégio através de sorteio público.

---

<sup>30</sup> No subitem que se refere aos professores aprofundarei este debate levantado no que se refere à pesquisa preliminar realizada pelos alunos desta instituição.



Alcançando a esfera estadual foram seis as escolas pesquisadas. Primeiramente abordarei o Instituto Estadual de Educação (IEE), que está localizado na região central de Florianópolis, mais especificamente na Avenida Mauro Ramos, nº. 275. Trata-se de uma escola tradicional da cidade, sua criação é datada de 1892 e, por sua localização central e suas dimensões grandiosas, abarca estudantes de todas as partes do município, assim comportando uma população numerosa, diversa e heterogênea. São três os professores responsáveis pela disciplina na escola e para a realização do trabalho foram dois os entrevistados. Não disponho de números oficiais que afirmem a quantidade de alunos que estudam nesta escola; segundo os professores são cerca de 3000 alunos que cursam os níveis fundamental e médio de ensino. O nível fundamental é ministrado no período da manhã e da tarde e o nível médio nos três períodos, incluindo o noturno. Por tratar-se de uma escola estadual é sabido que os professores não recebem salários suficientes para suas próprias subsistências, o que faz com que os professores lecionem quarenta horas/aula por semana, ou mais, como é o caso de um dos professores entrevistados.

Outra instituição situada na região central da cidade é a E.E.B. Henrique Stodieck. A escola foi fundada em 1915 na Rua Padre Roma no Centro de Florianópolis, com o nome Grupo Escolar Arquidiocesano São José. Em 1983 foi transferida para a Rua Esteves Júnior, número 65, Centro, seu atual endereço. A escola possui ensino infantil, fundamental e médio, com aproximadamente 900 alunos, em média. Atende majoritariamente à comunidade do Maciço Central do Morro da Cruz. Com relação a esta escola me ateno aos questionários aplicados pelos estudantes de Licenciatura em Ciências Sociais (UFSC).

A E.E.B. Jurema Cavallazzi é uma escola estadual, situada no bairro José Mendes na Rua Professor Aníbal Nunes Pires, sem número, município de Florianópolis. Foi criada por decreto em 14 de fevereiro de 1974. Oferece educação infantil, fundamental e média. Tem aproximadamente 700 alunos. Atende alunos do seu próprio bairro, como também dos bairros Prainha e Queimada. A escola está situada próxima ao centro de Florianópolis e conta com uma população de baixa renda, bastante carente, onde a presença do tráfico de drogas também se faz visível.

A E.E.B. Simão Hess está localizada no bairro da Trindade, na Avenida Madre Benvenuta, nº 463. Foi criada em 1938 com o nome de Grupo Escolar Olívio Amorin, na Praça Santos Dumont e só em 1975 foi transferida para o atual prédio. A escola possui ensino fundamental e médio e tem cerca de 1520 alunos nos seus três períodos de funcionamento. A instituição atende as comunidades do Córrego Grande, Trindade,

Itacorubi, Serrinha, Agrônômica, João Paulo e Saco Grande. Nesta escola está situado o LEFIS e minha participação está restrita ao laboratório e aos questionários respondidos pelos alunos.

No bairro do Saco dos Limões está situada a E.E.B. Getúlio Vargas fundada em 1940. Atualmente a escola possui de educação infantil a ensino médio. Incluindo a Educação de Jovens e Adultos e o Magistério. Atende alunos do próprio bairro e de seu entorno.

Saindo do Centro de Florianópolis me direciono ao Sul da Ilha de Santa Catarina ao bairro da Armação do Pântano do Sul. Caracterizado pela presença de imigrantes açorianos tendo a pesca como principal atividade de subsistência até meados da década de 1950. As atividades referentes ao turismo tiveram seu início vinte anos mais tarde, o que fez com que a população da área buscasse outras ocupações para se manter no local. Atualmente a E.E.B. Presidente Castelo Branco é uma escola conveniada, ou seja, trata-se de uma escola municipal (E.E.B. Dilma Lúcia dos Santos), a qual cede o prédio para a SED/SC abrigar a E.E.B. Presidente Castelo Branco no período noturno. A escola em 2006 contava com seis turmas de ensino médio, duas de cada nível de ensino (1<sup>o</sup>s, 2<sup>o</sup>s e 3<sup>o</sup>s), das quais dois 2<sup>o</sup>s anos e dois 3<sup>o</sup>s anos tinham contato com a disciplina. Tive a oportunidade de conversar com o professor contratado temporariamente e fui informada que atualmente (após a promulgação da lei de obrigatoriedade a nível nacional) a escola está com sete turmas de ensino médio e que todas elas possuem em sua grade curricular a disciplina de sociologia.

Cerca da capital foram dois os campos de pesquisa analisados. A E.E.B. Governador Ivo Silveira (Palhoça – SC) e E.E.B. Altamiro Guimarães (Antonio Carlos – SC). Na primeira delas tive a oportunidade de conhecer e de entrevistar os três professores responsáveis pela disciplina na escola. A segunda posso dizer que está presente no trabalho pelo fato de conhecer a professora efetiva da instituição e poder ouvir os relatos oferecidos por ela.

A escola em Palhoça<sup>31</sup> fica no centro da cidade. Relatos dos professores indicam que a escola foi fundada nos anos de 1940, inicialmente como Escola Normal e hoje atende os níveis fundamental e médio. É a primeira escola do município e atende cerca de 900 alunos em três períodos (matutino, vespertino e noturno). Por tratar-se de escola estadual<sup>32</sup> conta com uma infra-estrutura falha no que se refere aos recursos didáticos.

---

<sup>31</sup> Palhoça abarca uma população de 122.471 habitantes de acordo com fonte do IBGE/2007.

<sup>32</sup> De acordo com depoimentos dos professores as escolas federais contam com uma infra-estrutura de melhor qualidade voltada ao processo de aprendizagem dos alunos. Tanto com relação a reuniões pedagógicas como disponibilidade de recursos multimídia.

Todos os professores entrevistados afirmaram enfrentar dificuldades para a utilização de equipamentos multimídia bem como para a utilização das salas de vídeo, por serem concorridas entre todos os educadores da escola. Dois destes professores são efetivos e um contratado temporariamente. Um destes efetivos afirma trabalhar sessenta horas por semana, o segundo quarenta. O terceiro afirma trabalhar apenas trinta horas.

A escola presente no município de Antonio Carlos é a única que possui o ensino médio na cidade. Por tratar-se de uma cidade pequena <sup>33</sup> a escola tem uma forte relação com a comunidade e abriga festas importantes para aquela população. Os pais têm presença marcante na instituição e a escola possui seu próprio caixa (dinheiro arrecadado normalmente nestas festas e na Associação de Pais e Professores) o qual possibilitou a compra de livros didáticos para todos os alunos, possibilitando um contato maior com os conteúdos que são e serão estudados. No caso está presente a facilidade também de deslocamento dos estudantes para saídas de estudo, as quais a responsável pela disciplina afirma haver bastante relevância uma vez que o município está passando pelo mesmo processo de desenvolvimento dos centros urbanos, porém em menor escala, o que permite a visualização das transformações deste processo a olho nu.

### 3.2. Professores entrevistados

Antes de expor os dados coletados é interessante pontuar quem são estes profissionais, qual a sua formação e há quanto tempo trabalham com a disciplina. Como mencionado na introdução deste trabalho (*vide* TABELA 2) são oito os professores que tiveram uma relação mais direta com esta monografia. Decidi nomeá-los em conceitos (A a H) a fim de não constranger os entrevistados. Na tabela abaixo podemos visualizar quando os professores se graduaram na licenciatura em Ciências Sociais e em que ano iniciaram suas aulas no ensino médio.

**TABELA 6: Ano da formação dos professores, início de carreira profissional, há quanto tempo atuam na área.**

Professor (a)	Ano da formação	Início da carreira profissional	Há quanto tempo está em sala de aula
<b>A</b>	1980	1980	29 anos
<b>B</b>	1986	1986	23 anos
<b>C</b>	2001	1998	11 anos
<b>D</b>	2009	2009	09 meses
<b>E</b>	2001	2004	05 anos

<sup>33</sup> A cidade possui 7.000 habitantes (dados obtidos no site da prefeitura local: [www.antoniocarlos.sc.gov.br](http://www.antoniocarlos.sc.gov.br)).

<b>F</b>	2001	2004	05 anos
<b>G</b>	2002	2003	06 anos
<b>H</b>	2007	2009	09 meses

Nota-se que alguns dos professores entrevistados lecionam há mais de dez anos, outros lecionam há cinco ou seis anos e o restante acaba de entrar no mercado de trabalho. A coleta deste material foi indispensável à realização do trabalho. Possibilitou a demarcação das categorias a que me proponho desenvolver. Menciono neste estudo as particularidades, os desafios, as ‘funções’ da disciplina, a percepção dos professores relacionadas à obrigatoriedade a nível nacional e o reconhecimento do LEFIS como referência para o aperfeiçoamento profissional. Entretanto a linha que as separa é tênue. Muitas vezes elas se entrelaçam por estarem inteiramente interligadas e serem intimamente interdependentes.

No próximo item (3.3. *O que os alunos pensam sobre a finalidade da Sociologia como disciplina escolar*), mencionarei a posição dos alunos com relação ao ensino de sociologia e me aproximarei da exposição referente aos profissionais que trabalham a sociologia com estes estudantes. Porém, neste segundo momento não foi possível enquadrar determinadas categorias devido à impessoalidade dos dados.

### **3.2.1. Particularidades desta disciplina**

Por particularidade entende-se a tentativa de singularizar a sociologia frente às demais disciplinas estudadas. Um dado recorrente mencionado pelos profissionais é a falta de identidade própria ou a conquista de um espaço no âmbito escolar, como já mencionado por Sarandy (2004). Alguns afirmaram que a disciplina sofre um preconceito dentro do próprio currículo da escola quando comparada às demais disciplinas da grade curricular. Consideram que a sociologia não tem o mesmo peso que matemática e português, por exemplo. Neste sentido alguns “culparam” a falta de identidade própria no que se refere a sua intermitência no currículo da escola média e sua “falta” de historicidade no ambiente escolar. Por outro lado alguns professores afirmam que a sociologia vem conquistando este espaço dentro do ambiente escolar e que ela está no início de seu processo de valorização.

Para estes profissionais as ciências humanas são mais questionadoras que as demais ciências e a sociologia não traz a resposta pronta para o aluno, esta ciência mostra que não existe certo e errado, mas sim perspectivas diferentes. Outra particularidade referente à sociologia seria o fato de que esta disciplina possibilita o estudante a desenvolver a pesquisa social, ainda que de forma incipiente e possibilita o

professor a atuar como sociólogo dentro do ambiente escolar, nas reuniões pedagógicas e conselhos de classe. Para os mesmos trata-se de uma disciplina que trabalha temas do cotidiano que muitas vezes não são discutidos em outras disciplinas e seu intuito é o de abranger todos os aspectos da vida social.

Professor “A”, que trabalha a mais tempo em sala de aula, defende a idéia de que a disciplina não é consagrada no currículo escolar e que uma das particularidades da sociologia com relação às demais ciências que compõem o currículo seria ensinar os alunos a eles mesmos investigarem a realidade. Segundo ele:

Se você pega as ciências humanas e naturais, elas trabalham num ambiente com a lógica dedutiva e indutiva: isso é ou não é. Na matemática ou está certo ou está errado, não tem este negócio de meio termo, e as ciências humanas e sociais, quando se analisa a sociedade, você percebe que uma coisa é, e também não é ao mesmo tempo. Ou uma coisa é *ou* e *o e* juntos, porque entra aí a questão da contradição.

Referindo-me à “A” ele faz menção que para os PCN’s a sociologia teria o dever de preparar os alunos para a cidadania, neste sentido o professor destaca que:

A maior atribuição da sociologia é trabalhar a cidadania, muito bem, nós não vamos negar isto, mas é somente a cidadania que nós vamos trabalhar? É a cidadania e mais o que? Que implicações tem este conceito de cidadania? Que contradições? O que é ser cidadão hoje? Eu diria assim, seria muito pobre a compreensão que um aluno tem de português e matemática, se ele não entender o lugar social dele e qual é o lugar deste conhecimento dele na sociedade. Então, eu diria que nós neste ambiente de trabalho interdisciplinar, multidisciplinar, de fazer todas as pessoas perceberem o seu papel social.

No que se refere à atuação do sociólogo dentro do ambiente escolar, o professor ressalta e se questiona:

Nas reuniões pedagógicas, nos conselhos de classe, junto com os alunos discutir o que é a escola, o espaço escolar. Que às vezes isso passa como dado, como naturalizado: ‘é assim, tem que ser assim’. Não, espera um pouco, porque que isso é assim? Poderia ser diferente? Qual é o trabalho nosso? Qual é a função? (esta função, é uma palavra dúbida) Qual é o nosso papel histórico aí nisso tudo?

Este professor afirma que desenvolve alguns projetos de pesquisa em conjunto com os alunos:

A gente após trabalhar os métodos e técnicas de pesquisa, levantamos temas da realidade de Florianópolis e cada grupo faz um ensaio de pesquisa. Eles elaboram um questionário, aplicam, mas é uma coisa incipiente, não é no nível de uma pesquisa tal qual se faz na graduação, mas é para o aluno aprender a mexer com o ferramental, aplicar, ir à prática, analisar, confrontar isto com os teóricos. Às vezes é interessante. Os alunos conseguem buscar coisas empíricas que muitas vezes não estão sistematizadas na academia, aí dá uma boa reflexão, um bom debate.

No município de Antonio Carlos também foi citada a possibilidade de pesquisa, pela Professora “G”, dentro daquela realidade específica:

Uma coisa que eu faço lá em Antônio Carlos, que é uma escola pública, estadual, é muito trabalho de campo, porque lá a ‘gurizada’ é mais qualificada em comparação com as escolas estaduais daqui, e no Aplicação também, eu to tentando fazer agora. Aí eu ensino pra eles algumas técnicas, gravar, filmar, ou então mesmo descrever, utilizar o caderno de campo e realizar uma etnografia. E aí parece que começa a dar mais resultado. É uma coisa legal, fazer a pesquisa, ensinar pela pesquisa.

Professor “B” considera que a disciplina nunca teve o mesmo peso das exatas, ou do português, por exemplo. Que existe uma profunda diferença entre as humanas e as demais disciplinas, mas que este fato vem melhorando devido a obrigatoriedade da sociologia em nível nacional. Considera que os vestibulares já estão revendo estas questões e que a efetiva obrigatoriedade considera todas as disciplinas como equânimes, o que faz com que dentro de um período a sociologia tenha o mesmo peso das demais:

O maior peso era física, química e matemática, e hoje não, já tem as discursivas, onde já prepara o aluno não naquela visão ‘bitolada’, aí com uma visão mais abrangente, ele já tem que desenvolver mais integralmente. Porque antes, pra formar determinados tipos de mão-de-obra, bastava saber ler e saber matemática, hoje não, já vê que são outras habilidades que essas outras disciplinas trabalham de uma forma mais eficiente que a matemática, a física, não é? Que te dão aquela visão mais assim, como é que eu vou te dizer... mais fechada. Tu faz aquilo e deu, não precisa ter um raciocínio mais abrangente, e isso está mudando hoje, no próprio ingresso a universidade, querendo esse tipo de concepção, de conhecimento.

Professora “G” considera que não existe uma identidade à sociologia que a diferencie das demais disciplinas do currículo, seu questionamento está centrado na discussão de como ensinar o aluno a sair da sala de aula e pensar a partir daquilo dos conhecimentos ali adquiridos. Para ela a sociologia para cumprir suas potencialidades educativas deve fazer com que o aluno saia da sala de aula e continue a refletir sobre o assunto trabalhado:

Quando eu tava na graduação eu me lembro eu ia para casa e ficava pensando, aquilo estava na pauta do dia. Abrir a imaginação da gente no ônibus, tudo que tu vive tu busca relacionar. Aqui na universidade os professores conseguem fazer isso com a gente, tem uma eficácia na didática. Claro, somos mais adultos, a gente já sabe mais o que quer, não interessa, mas a gente tem que tentar fazer isso com os jovens, e como fazer isso? Como formar um sistema de idéias na cabeça do estudante para que ele passe a colocar aquilo como a ordem do dia, como algo sólido, que fique. Para mim este é o maior grilo que pega se for falar do dia-a-dia da escola. Como deixar as marcas então? A sociologia estuda *classe social*, a história não estuda *classe* assim. Tudo bem, mas a maneira como a gente faz não é suficiente para formar um corpo, ou um conjunto de idéias que caracterizasse aquela disciplina.

Ainda na mesma temática, Professor “F” coloca que as disciplinas de sociologia e filosofia são mais relevantes que as outras disciplinas, afirma que ao entrar em sala de aula e ver o quadro negro contendo informações matemáticas ele afirma aos alunos que isto eles vão esquecer e que sociologia é para a vida toda. Para ele o contato com a disciplina é necessário. De acordo com suas palavras:

Outro dia eu dei uma prova sobre democracia e cidadania e os alunos assim: ‘*Professor que é cidadania?*’. Se isto não é necessário, o que é necessário? Ensinar função de “x” ? Ensinar matriz para alunos de 15, 16 anos? Então que sociedade vai ser se as pessoas ignoram, no sentido da palavra, ignoram de não conhecer as coisas fundamentais da sociedade, como o que é democracia e cidadania. Eu apliquei a prova e fiquei feliz, pensei que agora eles vão aprender alguma coisa, pelo menos vão saber o que é democracia e o que é cidadania para de repente, daqui a pouco ter uma participação diferente na sociedade. O objetivo eu acho que é sempre este.

Este professor também argumenta que quando começou a trabalhar, as disciplinas de filosofia e sociologia tinham menos importância que as demais, mas

atualmente por parte dos professores existe mais respeito. Ele atribui isto ao fato de que os próprios professores sentem uma falta de consciência política, e consideram que a sociologia pode vir a dar esta consciência, respeitando seu ensino.

A fim de encerrar a discussão, Professor “D” ressalta que o trabalho como professor de sociologia é muitas vezes mais útil e mais próximo da realidade e mais atuante no sentido de modificar a realidade do que o trabalho da pesquisa científica. Para ele, isto se deve ao fato de você estar em contato direto com os alunos que estão participando desta realidade em transformação. Afirma que os alunos vêm das periferias, muitas vezes, e que estão convivendo com uma realidade de violência e desestrutura familiar. Para ele muitas vezes isso não é questionado, a escola não incentiva este questionamento e eles não se questionam:

Com a sociologia os estudantes começam a se questionar, não que eles se tornem questionadores, mas, começam a se questionar sobre estas coisas.

Cita que por tratar-se de uma ciência questionadora trabalha com a idéia da continuidade e pode proporcionar vieses críticos, uma vez que seu objeto é a vida cotidiana. Explica que a física e a química também tratam da vida cotidiana, mas no que concerne à vida em sociedade, às emoções, às relações sociais, confere ao âmbito da sociologia colocar em pauta.

Do ponto de vista da pesquisa a sociologia se diferencia das demais disciplinas científicas que compõem o currículo pelo fato de ser uma disciplina “nova” que, portanto está se questionando sobre seu papel dentro das instituições de ensino. De acordo com os professores entrevistados, os docentes que lecionam as demais ciências não se questionam sobre suas presenças na grade curricular e nem sobre a importância de seu ensino, contrapondo os argumentos de Moraes (2004), os quais afirmam que as demais ciências humanas se questionam sobre seus ensinamentos, não conferindo esta possibilidade neste campo de pesquisa.

A disciplina se questiona a que veio, se interroga sobre as lacunas no conhecimento escolar que ela tenta suprir com sua metodologia. Todos os professores entrevistados demonstraram suas preocupações com relação a esta modalidade de ensino, o que faz parecer que geralmente eles se questionam sobre sua prática diária, a qual, para eles, influi de forma significativa na vida dos jovens. Partindo desta reflexão penso que talvez o papel da sociologia no interior das escolas seria discutir os próprios modelos educacionais impostos.

### ***3.2.2. Desafios relacionados à sua modalidade de ensino***

Sintetizando, os desafios enfrentados pelos professores se verificam no enfrentamento das relações diárias estabelecidas entre os professores de sociologia e os demais colegas, onde os primeiros se sentem discriminados perante o grupo social ao qual pertencem. Muitas vezes a disciplina é tratada como Educação Moral e Cívica (EMC) ou Organização Social e Política Brasileira (OSPB) por parte da direção, a qual solicita a abordagem de valores morais, direitos do consumidor, dentre outros conteúdos abordados no período ditatorial. Outro problema bastante freqüente citado pela Professora “G” é que:

A juventude é carente de cultura, de acesso, de hábito cultural de leitura, de um conhecimento que não permite a dar asas para a *Imaginação Sociológica*.

Afirma que os alunos não têm base de nenhuma disciplina (história, geografia e português, por exemplo) dificultando o desenvolvimento do aprendizado sociológico. Professor “C” cita que outros professores não incentivam os alunos a freqüentarem a biblioteca da escola, o que exige que o professor esteja a todo o momento tentando motivar os alunos e cativá-los para que assim eles mesmos tenham alguma iniciativa direcionada à busca de conhecimento.

Neste sentido se conota uma dificuldade em ensinar uma disciplina tão complexa, que exige carga de leitura e discernimento intelectual. É enorme o obstáculo dos professores com relação aos alunos uma vez que muitos deles não têm interesse nenhum pela ciência. Os professores de maneira geral acreditam que este é um desafio enfrentado por todas as disciplinas. Como menciona “H”:

Como desconstruir o modo de ver o mundo que eles aprendem da televisão e etc. em apenas duas horas/aula por semana? Nós levamos todo o curso de graduação e ainda saímos mal formados.

Por conseguinte o grande desafio é não permitir que a disciplina parta para o senso-comum, a questão seria garantir a obrigatoriedade com qualidade. Nas palavras de “F”:

Acho que o desafio é sempre trazer para perto do cotidiano deles, porque às vezes eles acham que não é, mas é.

Para “C” o grande desafio é trabalhar em conjunto com outras disciplinas:

Por exemplo, na época das eleições você percebe que os alunos têm um vínculo bastante forte com situações clientelistas e ao mesmo tempo tem uma posição crítica com relação à política. Sabem que a política está degenerada, sabem que a política está corrompida, mas não sei se não percebem ou se não querem perceber que o próprio hábito de você vender o voto ou esperar que o voto te traga algum benefício individual, é uma postura inaceitável no século XXI. É interessante porque as vezes você fala a democracia e os alunos não sabem o que é democracia, eu vejo que na realidade as pessoas não vêem conflito nenhum. Elas não sabem o que é democracia, elas não vêem nenhum conflito no sentido, elas olham para a realidade como se a realidade fosse um simples momento que elas vão lá votar e ganham alguma coisa em troca e



elas não percebem que tudo isso tem uma conseqüência final, digamos assim para as pessoas, e diretamente para elas na própria qualidade do professor que ela vai ter, e assim por diante.

Professora “H” relatou que é bastante complicado alcançar a realidade destes estudantes uma vez que o perfil socioeconômico dos mesmos é caracterizado por baixos salários e conseqüente desvalorização da população residente nos morros. Coloca que trabalhar os conceitos de *classe social* e *mais-valia*, por exemplo, é de extrema dificuldade, bem como o tema da *violência*, por tratar-se de afronta para a população residente na área. Para ela deve-se tomar muito cuidado ao trabalhar teorias críticas com alunos tão carentes financeiramente e culturalmente.

Alguns entrevistados citaram que os professores que atuam nas escolas não estão preocupados em atualizar seus conhecimentos, não possuem uma posição crítica com relação aos fenômenos sociais e com grande freqüência atuam em seus próprios meios partindo das mesmas concepções dos alunos. Na fala de “C” tem-se um exemplo claro do que tento explicar:

É impossível você produzir uma sociedade que tenham pessoas que consigam ser críticas quando as pessoas na hora atividade, por exemplo, ao invés de ler um livro assistem novela e tem uma polvorosa quando a mocinha dá um beijo no mocinho, foi uma cena que eu vi outro dia, todos comovidos pela cena e eu perguntei qual tinha sido a última vez que eles tinham lido um romance clássico e a maioria das pessoas nem sequer respondeu. Isto em uma sala de professores, então eu vejo que a realidade com o conhecimento ela é muito pequena e este embate com o conhecimento, ele é muito pequeno.

Para “A” e “C” os desafios de quem faz licenciatura não estão somente no campo de trabalho, mas na sociedade também. Afirmam que é preciso ter muita habilidade ao abordar o conhecimento sociológico, pois na maioria das vezes os alunos levam para uma esfera superficial de ação, não conseguem transcender o senso-comum:

Infelizmente, o nosso aluno ele chega no 2º grau sem saber articular pensamentos, formular conceitos, abandonar conceitos, esta coisa de você refutar coisas que você já sabe, para o nosso aluno é absurdamente difícil. Ele ter que mudar um conceito que ele teve a vida inteira é difícil, creio que para todos nós. Então tem todas as outras debilidades. Porque você tem duas aulas para ensinar teoria social em uma escola que a única disciplina que te ajudaria nisso, sei lá poderia ser geografia e filosofia e que aí tem todas as mesmas vicissitudes que nós temos na sociologia, também de um aluno que não lê, que não quer saber destas questões, porque ele acha que estas questões são totalmente externas a ele e não cai no vestibular e assim por diante (Professor “C”).

Para “G” todos estes desafios impedem a construção e o firmamento identitário da disciplina:

De fato o que a gente faz é uma espécie de arremedo para a sociologia. Porque é toda descaracterizada da forma como a gente tem as condições para ensinar. Minimamente a gente consegue manter uma identidade. A gente tenta, mas eu não sei se a gente faz isso. Eu acho que é um problema de várias pessoas que olham a sociologia - e claro a gente gosta, eu gosto de fazer - mas entender como ela é ensinada e entender toda a problemática da escola e que sociologia se faz é outra coisa. Eu acho que tem que pesquisar bastante, tem que ir para o chão da fábrica, como se diz. E ter uma noção se de fato será que isso que está sendo ensinado é sociologia? E se não for, como fazer? Como manter esta identidade da disciplina? Primeiro como construir a identidade e depois manter. Ensinar como ciência que deve ser, como a gente aprendeu.

Inserida nesta problemática está a questão de como trabalhar os conteúdos em sala, para “C”:

É uma disciplina muito jovem no ensino médio que ainda tem uma lógica de ensinar clássicos, por exemplo, as pessoas chegam querendo ensinar os clássicos para os alunos, querendo falar de positivismo durkheimiano para o aluno e o aluno olha para aquilo e ‘?’.

Os baixos salários também aparecem como obstáculo freqüente em escala estadual. No geral lecionar em mais de uma escola, enfrentar trânsito, ônibus e a falta de entendimento da própria direção e dos docentes com relação à sociologia são desafios constantes. A ausência de reconhecimento profissional está interligada à falta de infraestrutura nas escolas estaduais, com salas lotadas, muitas turmas, dificuldade em utilizar os equipamentos áudio visuais, falta de material didático. Configurando falta de estímulo e condições materiais e psicológicas de realizar um bom trabalho.

Para Charlot (2001) ambos os problemas estão relacionados. O fato dos professores sofrerem com a falta de reconhecimento de suas profissões ocorre concomitantemente com a relação que os jovens tem com o saber na idade escolar. Por um lado os professores não conseguem ministrar suas aulas com qualidade, por outro os jovens não se interessam por aprender:

Nesta situação, a socialização do jovem no contexto escolar e as relações entre professor e aluno tem sido especialmente difíceis, com sérios problemas de disciplina e com grande falta de interesse por parte dos alunos, para desespero dos professores. Tudo se passa como se o jovem, ao rejeitar a escola e o professor, não conseguisse estabelecer uma relação pessoal e significativa com o saber, sobretudo com o saber escolar e/ou intelectual (CHARLOT; 2001, p. 33-34).

### **3.2.3. “Funções” que a disciplina pode desempenhar na escola**

A partir das debilidades citadas no item anterior, a proposta dos professores consiste em ensinar a partir das preocupações dos próprios alunos, do que faz sentido para eles, falando a mesma linguagem (por linguagem entende-se a utilização de tecnologias). Tornando-os cidadãos mais conscientes e preparados para atuarem em seus próprios meios. Para “D” deve-se pensar a partir das próprias preocupações dos alunos, afirma que:

Os jovens estão preocupados com as questões sociais, estão preocupados com o surf, as meninas estão preocupadas em passar maquiagem e por aí vai. É com as preocupações deles que a gente tem que se questionar, como professor e como membro desta sociedade.

O apanhado qualitativo aponta que uma das potencialidades educativas da sociologia seria a de despertar a capacidade crítica para que o aluno possa compreender o mundo social. Isto através de uma conscientização política que vise a ‘não alienação’ e leve o educando a se compreender como sujeito histórico atuante. Os professores entrevistados demarcam que os alunos precisam entender que as mudanças que ocorrem

na nossa sociedade e que afetam sua vida cotidiana são partes da mudança estrutural mundial, tanto no que se refere à economia quanto às relações entre os indivíduos e seu próprio meio.

Para alguns professores a idéia é adquirir o hábito do questionamento a partir dos questionamentos da disciplina, tomando conhecimento de que as coisas não estão dadas, assimilando uma consciência crítica da realidade social. Para “C” e “E”, respectivamente:

O grande papel da sociologia no segundo grau é justamente conseguir mostrar para as pessoas que os eventos que acontecem na sociedade não são independentes, são interdependentes e são causais (...) A sociologia teria que mostrar para o aluno que estas esferas, a esfera política, a esfera social, a esfera psicológica, econômica, que estas coisas elas não estão separadas, que elas estão o tempo todo intermitentes, elas se mudam, que elas o tempo todo transitam, se alteram e que o indivíduo está no meio de todo este turbilhão.

É fundamental pra que o aluno possa entender e tentar ‘navegar’ dentro da sociedade da melhor maneira possível, pra entender as diferenças, pra saber que têm posições distintas e que não tem esse naturalismo. Para que ele possa se posicionar quanto às contradições, que ele possa ter uma posição firme, ou mais baseada a teoria pra que possa ter uma visão crítica.

“F” defende que a sociologia tem o intuito de possibilitar um questionamento sobre o mundo:

Eu acho que basicamente um espírito crítico, saber que as coisas não estão dadas, se questionar a respeito da realidade deles, basicamente é isso. Acho que o mais importante é o questionamento do que a própria resposta que vão obter. Porque muitos deles vão ser isso aí, estão sendo formados para o mercado de trabalho, vão ser trabalhadores mal remunerados, e vai ser esta a realidade deles. Vão viver em uma realidade difícil, mas sempre questionando, manter este espírito crítico. Eu acho que é isso que é importante.

No que se refere às particularidades da disciplina, aos desafios enfatizados e às “funções” que ela pode vir a desempenhar na escola, percebe-se que de alguma forma os professores fazem menção à teoria de Florestan Fernandes (1976; 1978), Wright Mills (1972), Moraes (2004) e Silva (2005) bem como ao proposto pelas OCN’s (2006). Seus discursos estão contemplados pelo enfoque analítico selecionado para a análise da pesquisa.

#### ***3.2.4. Temas e questões trabalhados pelos docentes***

O conjunto de temas que frequentemente os docentes afirmaram lecionar foram: 1) Surgimento da sociologia; 2) Mundo do trabalho e sistema capitalista (classes sociais, desigualdades sociais, luta de classes, violência); 3) Clássicos da Sociologia (Marx, Durkheim e Weber); 4) Estado, democracia, política, cidadania e movimentos sociais (ditadura militar, neoliberalismo); 5) Cultura; 6) Ideologia e Indústria Cultural; 7) Violência simbólica; 8) Religião; 9) Métodos de investigação social; 10) Meio Ambiente; 11) Relações interétnicas; 12) Sexualidade; e, 13) Indivíduo e Sociedade.

Nota-se que talvez por serem formados na área não deixam a desejar no que confere à escolha de conteúdos pertinentes às temáticas sociológicas. De acordo com os relatos é comum no interior das escolas públicas haverem professores de sociologia formados em outras áreas de conhecimento. Estes normalmente trabalham temas referentes às atualidades (pertinentes ao vestibular) ou costumam fazer aulas de socialização, como por exemplo, relatar sobre a própria vida e defender pontos de vista corriqueiros o que faz com que a aula se torne uma troca de opiniões e não um estudo sociológico.

### ***3.2.5. Obrigatoriedade a nível nacional***

Para os professores a consolidação da obrigatoriedade do ensino de sociologia a nível nacional reflete uma luta histórica. Possibilita a abertura do mercado de trabalho para os licenciados em ciências sociais (como já mencionado em 1954 por Florestan Fernandes). Colocam que a partir da agregação da sociologia e da filosofia no currículo todas as disciplinas da matriz curricular passaram a ter a mesma carga horária, o que garantirá seu reconhecimento a médio ou longo prazo.

De modo geral todos acordam tratar-se de um conhecimento útil para a vida das pessoas. Porém surgiram controvérsias quanto ao seu futuro. Uns defendem a posição de que se corre o risco de dogmatizar a sociologia no ensino médio, criando planos de ensino trancados em si mesmos, retirando a autonomia do docente. Outros pensam que não adianta haver obrigatoriedade se não há integração entre as disciplinas.

### ***3.2.6. LEFIS***

Quando questionados sobre a importância do LEFIS alguns relataram estar presentes no momento de consolidação do laboratório, entretanto foram obrigados a se distanciar devido à sobrecarga de trabalho. Consideram essencial reunir professores interessados nas discussões, já que não há nenhum sindicato ou associação que defenda os interesses dos docentes de sociologia, além de ser um espaço de troca, compartilhamento e aprendizagem. Todos conhecem a biblioteca digital e afirmam consultá-la esporadicamente, entendem a iniciativa como um apoio necessário à elaboração de propostas de ensino e disponibilidade de material didático.

Pelo fato da maioria não freqüentá-lo devido à indisponibilidade de horários alguns levantaram a importância do LEFIS ir até as escolas e organizar semanas temáticas. Outros questionaram a escassez de oficinas no período noturno, acreditam

que os docentes lecionam, em sua maioria, durante o dia, portanto ficam impossibilitados de participar.

Professor “A” argumenta que o laboratório deveria ter a iniciativa de lutar pela sociologia no ensino fundamental, agora que conquistada no nível médio.

### **3.3. O que os estudantes pensam sobre a finalidade da Sociologia como disciplina escolar**

Discorrerei brevemente sobre a formação dos professores e apontarei em alguns momentos o que pensam com relação à sociologia na escola. Em seguida faço um levantamento sobre os perfis dos alunos para posteriormente citar suas considerações, ou seja, seus discernimentos quando questionados sobre a disciplina.

#### **3.3.1. Quem são os professores destes alunos**

Como mencionado na *Introdução* do estudo todos os alunos que responderam os questionários estudam a disciplina com professores formados em Ciências Sociais. Estes lecionam no mínimo há mais de cinco anos e apenas um deles fez parte das entrevistadas por mim realizadas (Professor “E”).

A professora que merece destaque (também já citada anteriormente) é Silvia Leni Auras de Lima formada em Licenciatura Curta em Estudos Sociais (habilitação em Sociologia, História, Geografia, Estudos Sociais e OSPB) pela UFSC e mestre na área da Educação pela mesma universidade. Tem vinte e sete anos de experiência na profissão e foi professora titular do colégio de aplicação, tendo inaugurado o ensino de sociologia no mesmo. Atua em projetos de extensão no LEFIS e atualmente está aposentada. Em uma das oficinas que participei (gravadas) pude ficar a par de seus objetivos de ensino<sup>34</sup>:

A disciplina se apresenta com o objetivo de discutir categorias que se apresentam como fundamentais para a formação da cidadania ou de um sujeito conhecedor de seus direitos e deveres na sociedade, capaz de emitir opinião ou juízo crítico relacionados a uma condição histórica – a sociedade contemporânea - em que está inserido. Ao mesmo tempo, levar o aluno perceber que esta condição, por ser social e histórica, não é eterna, mas construída por homens e mulheres reais, em condições históricas determinadas e determinantes.

Os alunos questionados na E.E.B. Jurema Cavallazzi no período em que responderam os questionários tinham aula com uma professora formada em Ciências Sociais pela UFSC, que cursa mestrado na área da Educação (pesquisa sobre o trabalho

---

<sup>34</sup> Os conteúdos trabalhados por ela foram elencados no item 2.2.2.1. Temas e Questões a serem trabalhados nas aulas.

dos professores de sociologia no ensino médio). Engajada em alguns movimentos sociais (SINTE, Passe Livre), participa das manifestações que ocorrem na cidade, incentiva seus alunos a reconhecerem a importância da participação popular, como forma de luta e de reivindicação de direitos, buscando sempre trazer estes conteúdos para a sala de aula. Em seu plano de ensino segue o proposto pela Secretaria de Educação (1998), utiliza filmes como recursos didáticos, promove debates e discussões com os alunos, sempre procurando trazer assuntos que fazem menção a realidade social brasileira <sup>35</sup>.

Na E.E.B. Henrique Stodieck a professora é formada em Ciências Sociais pela UFSC (Licenciatura – 1990; Bacharelado – 1991). Ingressou na escola como professora efetiva em 1994 através de concurso público com uma carga horária de 10h/a. Relatou aos autores do relatório que na escola existe um planejamento anual para cada disciplina, ou seja, todos os professores de sociologia lecionam o mesmo conteúdo <sup>36</sup>.

O docente da E.E.B. Simão José Hess é formado pela UFSC, com especialização em gestão interdisciplinar na UDESC. Leciona há 15 anos e também dá aulas de filosofia na mesma escola <sup>37</sup>. Segundo os estagiários:

O professor considera o ensino de sociologia fundamental, mas por outro lado, constata que os alunos que chegam ao ensino médio, atualmente, apresentam muito desinteresse pelo estudo, não tem motivação, são desatentos e tem deficiências na leitura e compreensão de textos, principalmente quando não conseguem fazer uma correlação entre os aspectos estudados e seu cotidiano <sup>38</sup>.

Na E.E.B. Presidente Getúlio Vargas o docente é licenciado em Filosofia com habilitação em Sociologia e Psicologia (UNISUL em Tubarão). Leciona as duas

---

<sup>35</sup> Dados retirados dos relatórios de:

- 1) Relatório de Estágio da disciplina Prática de Ensino de Sociologia na E.E.B. “Jurema Cavallazzi” de Luciana Finamor e Rafael da Silva. (2006.2)
- 2) Prática de Ensino de Sociologia: relatos de uma experiência realizada na Escola de Educação Básica Jurema Cavallazzi” de Danielli Vieira e Fernanda Cardozo. (2007.1)
- 3) Relatório de Estágio da disciplina de Prática do Ensino de Andréia Becker e Maria Luiza Bettiol Carneiro (2007.1)

<sup>36</sup> Dados retirados do relatório: “A Prática do ensino de sociologia no 3º ano do Ensino Médio: uma experiência a partir da Escola de Educação Básica Professor Henrique Stodieck, na cidade de Florianópolis-SC”. Larissa Pauli Corrêa e Sérgio Feijó Barbosa. (2007.2).

<sup>37</sup> Dados retirados dos relatórios de:

- 1) Estágio de Licenciatura em Sociologia. Escola de Educação Básica Simão José Hess. Maurício Togni Antunes e Rosa Ladislau. (2007.1).
- 2) Prática de Ensino de Sociologia na Escola de Educação Básica Simão José Hess. Antonio Marcos Feliciano e Sibeli J. Dassoler. (2007)
- 3) Relatório de Estágio Licenciatura em Ciências Sociais. Danilo Quadros da Silva e Tânia Beatriz Dockhorn da Costa. (2008.2)

<sup>38</sup> Relatório de Estágio Licenciatura em Ciências Sociais. Danilo Quadros da Silva e Tânia Beatriz Dockhorn da Costa. 2008. (p. 32).

disciplinas nesta instituição. Atua desde 1988 na área e está nesta escola desde 1996, trabalha nos turnos vespertino e noturno. Já participou de algumas reuniões no LEFIS, onde foram discutidas questões relativas aos programas das disciplinas. Tem uma carga horária de 40 horas/aula <sup>39</sup>:

Segundo o professor a sociologia no ensino médio tem a finalidade de ajudar os alunos a compreender a realidade social e as relações de produção na sociedade capitalista, e conhecer outros modelos ou formas de sociedade e suas culturas <sup>40</sup>.

### 3.3.2. *Discernimento discente*

Os alunos em sua maioria cursam o EM na idade escolar correta (14 a 18 anos). Apenas na E.E.B. Henrique Stodieck os questionários foram respondidos por uma turma de ensino noturno composta de estudantes que estão fora deste padrão. Grande parte dos alunos afirma trabalhar, com exceção do Colégio de Aplicação e muitos deles “sonham” em um dia prestar vestibular. Estes dados constam na tabela a seguir:

**TABELA 7: Perfil dos alunos** <sup>41</sup>

	Idade	Alunos que trabalham	Pensam em prestar vestibular
Colégio de Aplicação	14-16 anos	24%	100%
Henrique Stodieck	27% estão fora da idade escolar	----	90%
IEE	14-16 anos	40%	97%
Jurema Cavallazzi	15-18 anos;	50%	Grande maioria
Simão Hess	14-16 anos	Maioria não trabalha	Grande maioria
Getúlio Vargas	----	----	Grande maioria

No Colégio de Aplicação os alunos afirmaram que com as aulas de sociologia eles se conscientizam sobre o que está acontecendo ao seu redor. Afirmam compreender melhor o processo de desenvolvimento das desigualdades sociais e reconhecem a importância do ensino de sociologia na escola:

<sup>39</sup> Dados retirados dos relatórios de:

1) Relatório de estágio: uma experiência de prática de ensino de sociologia junto a uma turma de 2º ano do ensino médio, na Escola de Educação Básica Getúlio Vargas. Alice Bush Nascimento e Fábio Hartmann. (2007).

2) O ensino de sociologia para alunos do ensino médio na Escola de Educação Básica Getúlio Vargas. Márcia Meireles da Silveira e Sílvia dos Santos Fernandes. (2007.2)

<sup>40</sup> O ensino de sociologia para alunos do ensino médio na Escola de Educação Básica Getúlio Vargas. Márcia Meireles da Silveira e Sílvia dos Santos Fernandes. 2007. (p. 30).

<sup>41</sup> Os dados desta tabela foram retirados dos mesmos relatórios citados anteriormente, incluindo os realizados no Colégio de Aplicação:

1) Relatório de Estágio Supervisionado: Colégio de Aplicação – UFSC. Ana Paula Saccol e Carolina Wisintainer Lopes. (2006.1)

2) Relatório de Estágio – Colégio de Aplicação. Camila Augusta Vieira Pinto e Karolini Becker Lutz. (2006.1).

Os dados foram extraídos dos relatórios de forma sucinta com base no registro dos estagiários. Não é intenção desta pesquisa retomar cada questionário no que se refere ao perfil sócio-econômico dos estudantes, por isso a falha em alguns campos citados. Acredito que com este panorama geral é possível ter uma idéia de quem são os estudantes destes estabelecimentos de ensino. O foco dos questionários está na seção sobre o ensino de sociologia como mencionado na *Introdução*.

Porque assim vou ter um melhor conhecimento sobre aspectos políticos e econômicos do país e do mundo. Acho que é muito importante aprender sociologia perante os problemas que o Brasil e o mundo estão vivendo.

Relatam que passam a compreender o sistema social em que estão inseridos, entendendo o “porque” de certos acontecimentos sociais. Um deles comenta que:

Muitas coisas que acontecem no meu dia-a-dia acabam passando despercebidas e as aulas de sociologia me ajudam a perceber essas coisas e ter uma visão um pouco mais crítica.

Sabem que a sociologia é o estudo da sociedade e colocam que é importante ver a realidade de hoje e porque esta é a realidade. Tornam-se capazes de formular opiniões e compreendem como a sociedade está organizada e porque ela tem tantos conflitos. Passam a entender a origem de muitos dos acontecimentos sociais, porque eles acontecem e quais são suas conseqüências. De acordo com um estudante a sociologia mostra o que é:

Fruto de relações sociais presentes ou passadas (...) me ajuda a ver suas raízes e motivos.

Na EEB Henrique Stodiek os estudantes comentam que a disciplina trabalha fatos antigos e suas conseqüências na atualidade. Citam que passam a entender a sociedade, compreendendo as atitudes das pessoas inseridas neste processo. Para eles esclarece os acontecimentos sociais e um deles afirma que aprende mais na sala de aula do que vivendo no dia-a-dia. Complementando a idéia outro aluno coloca que a disciplina possibilita o entendimento das causas de determinados fenômenos que ocorrem na sociedade e que sem o estudo da sociologia não seriam compreendidos por ele. De acordo com o estudante:

Sociologia é uma disciplina que é muito importante em diversos fatores tais como: entender sobre os teóricos que foram importantes na história, não só da sociologia, mas também da filosofia, história, etc., que cai muito em vestibular. Também ajuda a refletir para tomarmos decisões importantes, tais como: decidir o curso universitário, ou a escolha do presidente da República, etc. Ajuda os alunos a se interessarem em ler livros, fazendo debates, ouvindo a opinião dos outros, e respeitando principalmente, e por incrível que pareça ajuda a melhorar a educação que muitas pessoas não têm em casa e conseqüentemente na escola.

Outros afirmam que é importante discutir a questão do preconceito e da discriminação étnica e cultural. Um estudante menciona que a sociologia é uma:

Disciplina que deveria ser implantada em todas as séries escolares.

No IEE as respostas foram semelhantes às citadas anteriormente. Com relação às problemáticas levantadas pela disciplina o aluno afirma que:

É uma disciplina questionadora e que faz com que o aluno dê sua opinião. Nos dias de hoje é uma matéria um pouco chata, deveria apresentar assuntos mais interessantes.

Outro menciona que com a disciplina ele fica sabendo de alguns acontecimentos, dos quais não tinha conhecimento, entendendo de que forma ocorrem. De acordo com o estudante:



Tudo que acontece no nosso dia-a-dia tem um 'porque' e a sociologia faz nós vermos eles.

Complementando a idéia outro destaca que a disciplina seria:

Uma chance de encarar o mundo de outra forma.

Na EEB Jurema Cavallazzi um aluno quando questionado à ajuda que as aulas de sociologia fornecem para a compreensão dos acontecimentos do dia-a-dia respondeu que:

Ajudam, com certeza, tanto a situação mundial quanto os problemas internos do Brasil, pois a sociologia me faz buscar os motivos de um problema, estudando-o de forma aprofundada.

Na EEB Simão José Hess os estudantes afirmam que a disciplina desperta a curiosidade e ajuda a analisar situações cotidianas. Um dos estudantes coloca que:

Penso que é uma disciplina que pretende por os alunos para pensar e refletir sobre o que acontece no dia-a-dia das pessoas.

Um argumento citado constantemente por parte destes estudantes seria o de que a sociologia está presente no currículo do EM como meio de contribuir para uma "sociedade mais justa". Como citado no item 3.2.3. "*Funções que a disciplina pode desempenhar na escola*", os professores de sociologia consideram que a disciplina é importante como forma de questionamento da sociedade em que vivemos a qual atravessa profundos processos de transformação. Penso que, neste sentido, os estudantes estão equivocados quanto à presença da disciplina na grade escolar, pois, não é sua "função" solucionar os conflitos existentes na sociedade, mas sim deixá-los a par de fatos que muitas vezes são veiculados de forma fragmentada, impedindo uma real absorção dos fenômenos cotidianos. Um aluno menciona que:

A vida do ser humano é uma vida em sociedade e é necessário entender como esta sociedade funciona para mudá-la, melhorá-la.

Concordo com a afirmação deste aluno, porém não está em questão quais são as atitudes a serem tomadas para que a sociedade possa se transformar positivamente. Encaro a discussão como uma utopia presente no imaginário juvenil. Quando se discute problemas sociais a tendência é de que se busquem soluções para determinados fins. É natural que no senso-comum as pessoas se posicionem desta forma quando questionadas sobre as dificuldades enfrentadas no âmbito social, político e econômico. Cabe lembrar que aqui são analisadas respostas de alunos que freqüentam escolas públicas que, em sua maioria, estão estudando, pois são obrigados (ou pelos pais, ou pelo mercado de

trabalho), os quais provavelmente não serão sociólogos, portanto será difícil que se afastem totalmente de seu modo de encarar a realidade.

Na EEB Getúlio Vargas alguns alunos também partem da premissa de que a sociologia pode resolver problemas sociais. Por outro lado relatam que a disciplina pode fazer com que as pessoas mudem sua forma de pensar. Afirmam que através da compreensão do passado podem entender as causas de muitos acontecimentos atuais.

Um dos alunos afirma que:

Passamos a compreender melhor nossa sociedade e assim os valores que ela possui ou tem derivado por trás. Também uma explicação e conclusão claras dos motivos das desigualdades sociais, da crescente sede por lucro e poder, entre outros. Mas, por simples e pura forma de percepção, fazendo-nos enxergar.

Outro estudante coloca que a sociologia:

É uma disciplina interessante, pois nos ajuda a ver as relações sociais de outro ponto, nos ensinando que devemos expressar nossa opinião e que devemos criticar.

Outro contraponto importante a ser mencionado é que muitos dos questionários analisados não continham resposta alguma. Foram selecionados alunos que possuem algum entendimento com relação à sociologia. Não cabe a análise do trabalho a quantificação destes dados, mas sim a qualidade dos mesmos. Ou seja, é claro que não são todos os alunos que tem contato com a disciplina que desenvolvem a argumentação esboçada acima, porém a qualidade de seu ensino ou mesmo suas dificuldades não estão sendo levadas em consideração neste momento.

#### **4. Considerações finais**

Para encerrar a pesquisa me propus a contrapor o entendimento dos professores sobre a disciplina com a compreensão dos estudantes acerca das ciências sociais na escola. Considero que os dados coletados apontam para uma defesa do ensino de sociologia quando se leva em conta que os alunos interessados em estudar compreendem seus ensinamentos, fazendo com que a disciplina atinja suas potencialidades educativas. Por outro lado, existem muitos alunos que se mostram distanciados da disciplina, apontando-a apenas como mais uma na grade curricular.

Os dados apontam que os professores trabalham os temas recorrentes na disciplina, demonstram estarem preocupados com seu trabalho e “acreditam” na eficácia do ensino da sociologia em nível escolar. Relatam de modo geral que quando o estudante se mostra atento o contato com a disciplina torna-se produtivo. Podemos perceber que os alunos preocupados em estudar compreendem alguns de seus

fundamentos básicos. Por outro lado os entrevistados assinalam a existência de grande falta de perspectiva, por parte dos alunos, com relação à escola em geral. Uma das causas deste fenômeno pode estar no fato de que os estudantes não vêem sentido nas práticas ali propostas, talvez pela escassez de incentivos públicos condizentes as propostas governamentais de inclusão da população que frequenta estas escolas, ou talvez pelo próprio modelo educacional proposto, vistos pelos jovens como antiquados.

Cabe lembrar, como mostra a *Tabela 5*, que o Brasil soma quase oito milhões de alunos que cursam o ensino médio em escola pública e neste caso estamos analisando onze escolas do Estado de Santa Catarina, as quais já incluíram a disciplina há onze anos no currículo. Ao analisarmos casos em nível local podemos supor ou imaginar como é a situação do Ensino de Sociologia no restante do país onde sua modalidade de ensino é recente, com exceção de alguns Estados da Federação.

É sabido que as escolas estaduais deixam a desejar tanto no que se refere ao salário dos professores quanto à disponibilidade de material e recursos didáticos essenciais para o melhoramento das aulas, nestes tempos em que muitos estudantes portam seus “mp4’s” e “ipods”, em geral comprados à prestação. Os jovens não se interessam por aulas expositivas que incluem apenas o quadro negro e o giz como recursos visuais. Muitas vezes, quando o professor leva material pedagógico audiovisual eles se sentem atraídos, por tratar-se da realidade que eles têm contato diariamente. São jovens que geralmente estão ligados à internet, ao *orkut* e ao *msn*, e somente através da linguagem deles próprios é que se pode entender suas preocupações. Há que se reconhecer a juventude com a qual se lida na escola, seus interesses e necessidades, para poder responder adequadamente às expectativas formativas da disciplina.

Com base nos resultados da investigação realizada, considero que os obstáculos ao fortalecimento da sociologia podem ser elencados em quatro esferas inter-relacionadas citadas na tabela abaixo:

**TABELA 8: Obstáculos ao fortalecimento do Ensino de Sociologia**

<p>Obstáculos ao fortalecimento do Ensino de Sociologia</p>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1) Estrutura precária das escolas público-estaduais</li> <li>2) Desinteresse dos alunos frente a forma como o conhecimento é transmitido nas escolas - fragmentado, descontextualizado e dissociado das questões do trabalho</li> <li>3) Desinteresse dos professores das outras áreas e da própria instituição de ensino pelo conhecimento sociológico</li> <li>4) Desinteresse da sociologia científica por este objeto de pesquisa</li> </ol>
---	---

Note-se que os problemas mencionados por Florestan Fernandes (1976) com relação à estrutura educacional no país ainda permanecem; passados cinquenta anos a discussão se centra no mesmo foco: uma educação que não responde às necessidades sociais da ampla maioria da população brasileira. No que se refere ao ensino da sociologia, para que se desenvolvam suas potencialidades educativas é premente que ocorram profundas transformações no sistema educacional do país. Alguns dos fatores que dificultam a realização das possibilidades formativas da sociologia nas escolas estão citados na *Tabela 8*. São obstáculos à capacitação dos jovens pelo conhecimento sociológico e à conscientização sobre sua existência social e o tempo histórico no qual vivem.

No segundo capítulo da monografia destaco a importância que Emile Durkheim atribui à sociologia quando aplicada ao campo da educação. Menciono que para este autor clássico esta aplicabilidade traria legitimidade epistemológica a esta ciência no campo acadêmico (ORTIZ; 1989).

Anos à frente Florestan Fernandes (1976) afirma que os interesses do ensino superior estão voltados à pesquisa e não ao ensino secundário. Coloca que os problemas relacionados ao mercado de trabalho dos licenciados em ciências sociais já se mostram presentes durante o período de formação. Neste sentido considero que os mesmos enfrentam diversos desafios tanto no campo acadêmico quanto no campo escolar. Uma vez que o estudante não tem respaldo durante sua formação notam-se os reflexos no mercado profissional *a posteriori*.

Mills (1972) e Ianni (1997) contribuíram ao trabalho demonstrando à importância do aprendizado sociológico. O primeiro levantando os aspectos pertinentes ao desenvolvimento da *Imaginação Sociológica* e o segundo enfatizando que a sociologia é uma espécie de autoconsciência da realidade social.

A fim de concluir a argumentação apresentada afirmo que Moraes (2007) e Silva (2005) partem destas e de outras contribuições para defender a união da Licenciatura e do Bacharelado em nível superior. Argumentam que tendo este árduo desafio sanado é possível que a disciplina se fortaleça em âmbito escolar. Afinal a universidade é a produtora do conhecimento, o qual em seguida é apropriado pelos materiais didáticos e documentos oficiais. Ela está em primeiro plano na reflexão sobre o que deve ser ensinado e aprendido em âmbito escolar. O professor precisa ser pesquisador do seu próprio ambiente de trabalho, para tal é interessante que a própria universidade dê subsídios que possibilitem aos licenciados o acesso e a aproximação de experiências de pesquisa referentes ao ensino de sociologia.

Apesar de realizarmos pesquisas preliminares sobre o ambiente escolar em que iremos ministrar aulas como estagiários na disciplina de Prática de Ensino de Sociologia (UFSC), não podemos comparar o rigor analítico e nem a dedicação que dos bacharelados ao irem a campo, a esboçarem a teoria escolhida para a análise e a articular tudo que se aprendeu com relação à metodologia em um texto onde o recorte deve ser específico.

Quem é estudante da graduação sabe a diferença que existe entre fazer bacharelado e fazer licenciatura. Muitos preferem a segunda opção por encerrarem o curso em menos tempo, pois a quantidade de horas extracurriculares é menor neste caso<sup>42</sup>. Já os que cursam o bacharelado estão interessados, em sua grande maioria, em ingressarem na pós-graduação. É claro que existem exceções à regra, mas acredito que se as duas formações estivessem mais articuladas, além de valorizar o ensino de sociologia, traria mais compreensão com relação à pesquisa para os que pretendem se formar licenciados. Possibilitaria também uma maior compreensão dos professores da academia com relação aos problemas que as escolas enfrentam no país atualmente. Análises como estas necessitam de respaldo teórico-sociológico, como já dito por Moraes *et al.*(2007) não podem ficar restritas à área da pedagogia.

Tentei neste trabalho relacionar as questões propostas por Florestan Fernandes (1976; p. 119-120), citadas no item 2.2.1. *O que os clássicos pensam a respeito da disciplina de Sociologia*, aos objetivos específicos deste estudo. Propus-me verificar como os professores de sociologia da rede pública entendem o ensino da disciplina e seu objetivo na escola; identificar o que pensam os alunos sobre as finalidades da disciplina de sociologia na educação escolar; contrapor o entendimento dos professores sobre a disciplina com a compreensão dos estudantes acerca das ciências sociais na escola e analisar em que medida as aulas de sociologia realizam as funções do ensino de ciências sociais na escola média. Penso que estes objetivos específicos foram cumpridos, porém o conhecimento sempre tem lacunas.

Uma vez realizada a pesquisa percebi que ela se limita no que se refere aos conteúdos sociológicos trabalhados durante o período ditatorial, especialmente em disciplinas como Educação Moral e Cívica (EMC) e Organização Social e Política Brasileira (OSPB)<sup>43</sup>. Limita-se também no que se refere ao desenvolvimento da

---

<sup>42</sup> O comentário faz menção ao currículo antigo cursado por mim e pelos colegas que compartilhei estas experiências.

<sup>43</sup> Para saber mais sobre os conteúdos trabalhados pela disciplina de OSPB consultar: **PERUCCHI, Luciane**. *Saberes sociológicos nas escolas de nível médio da ditadura militar: os livros didáticos de*

sociologia científica no Brasil, à relação que os jovens mantêm com o saber escolar e ao que representa o Ensino Médio no atual contexto nacional. Seria de bom grado que estes itens estivessem aclarados para podermos entender todos os obstáculos referentes ao fortalecimento do Ensino de Sociologia uma vez que temos exemplos de estudantes que demonstram o valor de seu aprendizado. É interessante que estas lacunas sejam enfrentadas em outros trabalhos acadêmicos, para uma maior compreensão deste objeto analítico.

Outras sugestões de pesquisa foram pensadas a partir deste viés. Uma delas seria estudar esta mesma temática nas escolas particulares para comparar o Ensino de Sociologia em ambas as instituições existentes. Outra hipótese interessante seria a realização de um levantamento inicial acerca da contribuição dos recursos audiovisuais para o Ensino de Sociologia.

Encerrando gostaria de lembrar que esta é uma monografia escrita para a conclusão do curso e que durante esta fase da minha vida pude aprender a buscar o conhecimento sociológico em diversas fontes de pesquisa (algumas delas presentes no trabalho). A distância que separa um graduado em ciências sociais de um sociólogo é bastante longa para afirmar que esta pesquisa chegou ao fim. Posso dizer que somente através do aperfeiçoamento da *Imaginação Sociológica* é possível encerrar um curso de Ciências Sociais acreditando ser esta uma profissão extremamente relevante para o desenvolvimento do pensamento científico em sua alusão à *práxis* transformadora.

## 5. Referências bibliográficas

**BRASIL:** Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. 1996.

**CARVALHO, Lejeune Mato Grosso de.** A Trajetória Histórica da Luta Pela Introdução da Disciplina de Sociologia no Ensino Médio no Brasil. In: *Sociologia e Ensino em Debate: Experiências e Discussão de Sociologia no Ensino Médio*. Lejeune Mato Grosso de Carvalho (Org.). Editora Unijuí. Ijuí-RS. 2004. (p. 17-60).

**CHARLOT, Bernard.** O jovem, a escola e o saber: uma preocupação social no Brasil. In: *Os jovens e o saber – perspectivas mundiais*. Tradução: Fátima Murad. Editora Artmed. Porto Alegre. 2001. (p. 33-50).

**FERNANDES, Florestan.** Funções das Ciências Sociais no mundo moderno. In: *Educação e Sociedade*. Org. PEREIRA, Luiz e FORACCHI, Marialice M. Companhia Editora Nacional. 9ª edição. São Paulo. 1978. (Florestan Fernandes, *Ensaio de sociologia geral e aplicada*, Liv. Pioneira Ed. São Paulo, 1960, pp. 291-300).

\_\_\_\_\_. O Ensino de Sociologia na escola secundária brasileira. In: *A Sociologia no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1976, (p. 105-120).

**GENTILI, Pablo.** Três Teses sobre a Relação Trabalho e Educação em Tempos Neoliberais. In: *Capitalismo, Trabalho e Educação*. Orgs.: José Claudinei Lombardi, Dermeval Saviani e José Luís Sanfelice. Editora Autores Associados. Campinas/SP. 2004. (p. 45-59).

**IANNI, Octavio.** A sociologia numa época de globalismo. In: L. Ferreira (org.). *A sociologia no horizonte do século XXI*. São Paulo: Boitempo, 1997. (p. 13-25).

**JINKINGS, Nise.** A disciplina de Sociologia no Ensino Médio. Florianópolis: UFSC, 2004, mimeo.

\_\_\_\_\_. Ensino de Sociologia: Particularidades e Desafios Contemporâneos. In: *Mediações: Revista de Ciências Sociais*. Volume 12, nº 1, jan-jun. Universidade Estadual de Londrina, 2007, (p. 113-130).

**KUENZER, Acácia.** Exclusão Includente e Inclusão Excludente – A nova forma de dualidade estrutural que objetiva as novas relações entre Educação e Trabalho. In: *Capitalismo, Trabalho e Educação*. Orgs.: José Claudinei Lombardi, Dermeval Saviani e José Luís Sanfelice. Editora Autores Associados. Campinas/SP. 2004. (p. 77-95).

**MARX, Karl.** O 18 Brumário de Luís Bonaparte. In: *Karl Marx e Friedrich Engels – Obras Escolhidas*. Vol. 1. Editora Alfa-Omega. São Paulo, s/d. (p. 203-285).

**MILLS, Wright.** *A imaginação Sociológica*. 3ª. ed. Tradução de W. Dutra. Rio de Janeiro: Zahar, 1972. Cap.1: A Promessa. (p.9-32).

**MORAES, Amaury César.** O Veto de FHC: o Sentido de um Gesto. In: *Sociologia e Ensino em Debate: Experiências e Discussão de Sociologia no Ensino Médio*. Lejeune Mato Grosso de Carvalho (Org.). Editora Unijuí. Ijuí-RS. 2004. (p. 105-111).

\_\_\_\_\_. O ensino de Ciências Sociais sob novas diretrizes. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPOCS, 28, *FÓRUM FILOSOFIA E SOCIOLOGIA NO ENSINO MÉDIO: ROMPENDO PRECONCEITOS*. Caxambu. 2004.

\_\_\_\_\_; **TAKAGI, Cassiana Tiemi Tedesco.** *Um olhar sobre o Ensino de Sociologia: Pesquisa e Ensino*. In: *Mediações: Revista de Ciências Sociais*. Volume 12, nº 1, jan-jun. Universidade Estadual de Londrina. 2007.

**ORIENTAÇÕES CURRICULARES NACIONAIS PARA O ENSINO MÉDIO.** Conhecimentos de Sociologia. In: *Ciências humanas e suas tecnologias/Secretaria de Educação Básica*. Autores: Amaury César Moraes, Elisabeth da Fonseca Guimarães & Nelson Dácio Tomazi. 2006. (p. 101-133).

**ORTIZ, Renato.** “Durkheim arquiteto e herói fundador”, *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, nº 11, vol.4, outubro de 1989.

**PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS PARA O ENSINO MÉDIO.** Parte IV: Ciências Humanas e Suas Tecnologias. 1998.

**PROPOSTA CURRICULAR DE SANTA CATARINA.** *Proposta Programática do Ensino de Sociologia e Sociologia da Educação*. Santa Catarina. 1998. (p. 48-73).

**PIMENTA, Selma Garrido & LIMA, Maria Socorro Lucena.** Estágio: diferentes concepções. In: *Estágio e Docência*. Editora Cortez. São Paulo. 2004.

**QUIVY, Raymond & CAMPENHOUDT, Luc Van.** *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Editora Gradiva. Lisboa - Portugal. 1992.



**SANTA CATARINA:** Dispõe sobre o Sistema Estadual de Educação. Lei Complementar nº 170. 1998.

**SARANDY, Flávio Marcos Silva.** Reflexões acerca do sentido da sociologia no ensino médio. In: *Sociologia & Ensino em Debate*. Org Lejeune Mato Grosso de carvalho. Editora Unijuí. Ijuí/RS, 2004, (p. 113-130).

**SILVA, Ileizi.** A Sociologia no Ensino Médio: os desafios institucionais e epistemológicos para a consolidação da disciplina. *SBS – XII Congresso Brasileiro de Sociologia*. Belo Horizonte, maio/junho 2005.

\_\_\_\_\_ *et al.* O ensino das ciências sociais: mapeamento do debate em periódicos das ciências sociais e da educação de 1940 a 2001. In: *CONGRESSO NACIONAL DE SOCIÓLOGOS*, 2002, Curitiba.

\_\_\_\_\_. O papel da sociologia no currículo do ensino médio. In: <http://www2.uel.br/grupo-estudo/gaes/arquivos/Ileizi>. Curso de curta duração ministrado, 2005.

This document was created with Win2PDF available at <http://www.win2pdf.com>.  
The unregistered version of Win2PDF is for evaluation or non-commercial use only.  
This page will not be added after purchasing Win2PDF.